

Uma experiência de Educomunicação no interior de São Paulo.

Prof. Dra. Maria Verônica Rezende de Azevedo

Uma parceria entre a escola pública e uma emissora de TV aberta regional.

O Projeto Educação para a Cidadania pela Comunicação de Imagem e Som foi criado dentro da Campanha Paz a Vida Vale em Pindamonhangaba, interior de São Paulo.

As ações do projeto foram possíveis graças a uma parceria da Diretoria Regional de Ensino de Pindamonhangaba, a TV Setorial e a Universidade de Taubaté. A participação do NCE da ECA / USP¹ se deu através da pesquisadora Prof. Dra. Maria Verônica Rezende de Azevedo que foi responsável pela coordenação do projeto atuando como “educador”.

Este projeto visava oferecer, à comunidade escolar da rede pública estadual de ensino, uma contribuição para implementar as ações previstas na nova legislação da educação nacional, especialmente nos Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental e nas novas Normas para a Reforma do Ensino Médio, no que se refere às linguagens da comunicação e às tecnologias da informação no ensino.

Como nos propusemos a trabalhar com a Educação para a Comunicação, tendo como pano de fundo o telejornalismo na televisão aberta em Pindamonhangaba, achamos necessário conhecer a audiência do público alvo para o telejornalismo. Para isso aplicamos os questionários cujo modelo apresentamos em anexo. (ver anexos)

A seguir apresentamos o resultado da sondagem de audiência que fizemos entre professores e alunos de 5^a série das 12 escolas participantes do projeto.

¹ Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Sondagem de audiência a telejornais entre professores e alunos de 5ª série de 12 escolas públicas estaduais em Pindamonhangaba.

Foram aplicados questionários a todos os professores das 12 escolas participantes do projeto piloto para levantar dados sobre a audiência a programas jornalísticos da TV aberta em Pindamonhangaba. Estes questionários visam um melhor conhecimento do público alvo do projeto. Foram respondidos por 249 professores.

Foram aplicados questionários semelhantes para os alunos dos professores participantes. Responderam o questionário 417 alunos de idades entre 10 e 14 anos, com exceção de dois alunos, um de 15 e outro de 16 anos de idade.

O questionário, conforme o modelo que apresentamos em anexo, foi aplicado para todos os professores das 12 escolas do ensino fundamental em Pindamonhangaba participantes do projeto. Foram também aplicados questionários em classes de 5ª série dessas 12 escolas.

Os questionários foram respondidos na presença de uma estagiária de Psicologia participante do projeto, durante o período regular de aula. Os professores estiveram presentes todo o tempo. Inicialmente a estagiária apresentou-se e esclareceu o motivo da pesquisa, pedindo aos alunos que fossem absolutamente sinceros em suas respostas. Foi permitido que os alunos fizessem perguntas para esclarecer dúvidas na redação das questões. As perguntas foram muito poucas e versavam sobre a possibilidade de acrescentar comentários às respostas, o que foi sempre permitido. A sessão durou aproximadamente 40 minutos. Os alunos demonstraram boa vontade e muita motivação em participar da pesquisa.

Os questionários para os professores foram aplicados pelas estagiárias no horário de reunião correspondente ao HTPC² na escola. Nem todos os professores responderam com boa vontade. Alguns ficaram inseguros. Parecia que tinham receio sobre o destino das informações. A explicação da estagiária não foi suficiente para acalmá-los.

² Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, que é o horário de reunião dos professores com a coordenação da escola. Cada escola estadual tem seu horário de 2 horas semanais de HTPC.

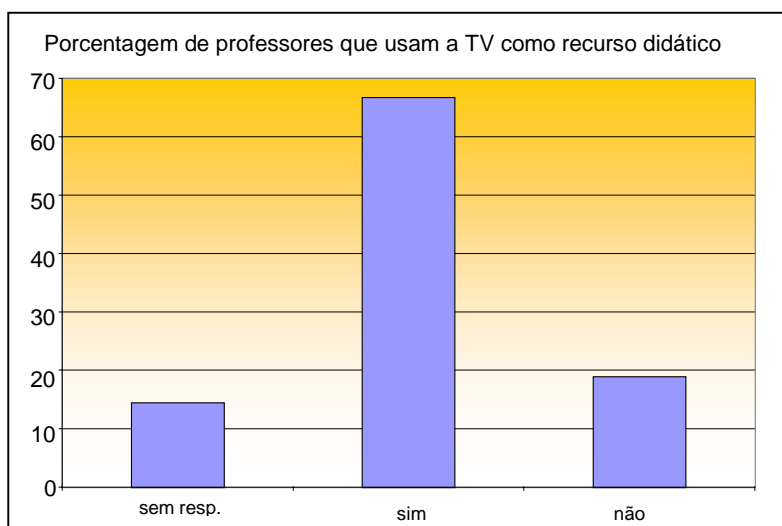
A seguir apresentamos os gráficos produzidos pela tabulação das respostas obtidas nos questionários. Esses dados e seus respectivos gráficos foram objeto de uma análise comparativa feita durante os seminários com os professores.

A aplicação de questionários sobre a audiência a programas jornalísticos entre alunos de 5ª série e professores do ensino fundamental em Pindamonhangaba, buscava resposta às seguintes questões:

- 1) Qual a influência dos telejornais na visão de mundo dos jovens?
- 2) Os jovens telespectadores fazem algum tipo de leitura crítica dos telejornais?
- 3) A família exerce alguma influência em relação à leitura que os jovens têm dos telejornais?
- 4) Qual é a posição da escola?
- 5) A quem caberia promover a leitura crítica do telejornalismo entre os jovens; à família ou à escola?
- 6) O perfil de telespectador dos professores é muito diferente do perfil de telespectador dos alunos de 5ª série?

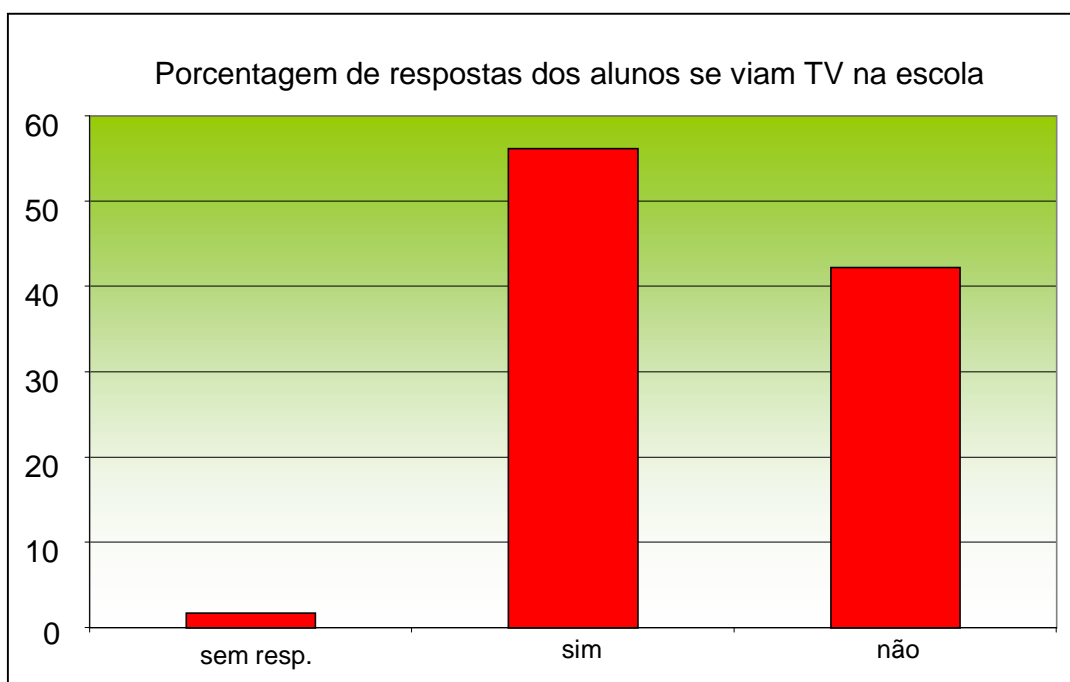
Tabulação dos dados obtidos pelos questionários.

A tabulação das respostas aos questionários mostra uma diferença em relação à presença da TV na escola. Enquanto mais de 66% dos professores afirmam que usam TV como recurso didático, apenas 56% dos alunos afirmam terem assistido TV na escola. Ainda que a maioria dos professores tenha declarado que utiliza a TV em suas aulas, o que predomina é o uso de fitas de



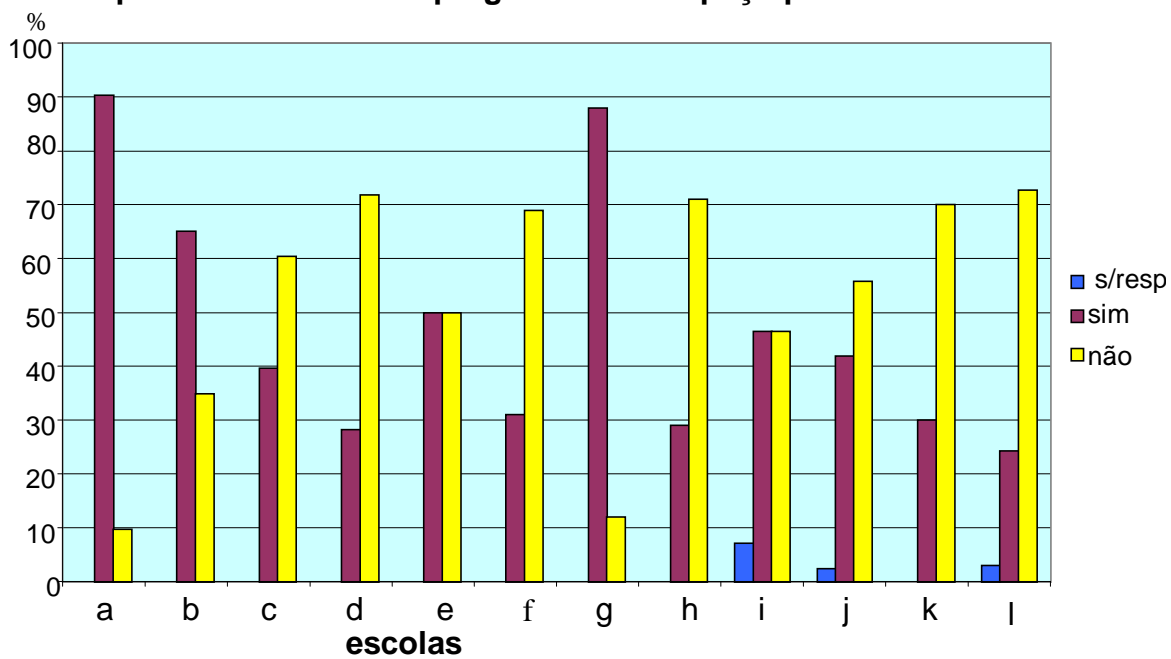
vídeo com documentários ou filmes cujo tema tem relação com o conteúdo da matéria lecionada. A TV tem aí uma função apenas ilustrativa, acessória ao conteúdo da aula. Não houve qualquer menção pelos professores ao uso de matéria jornalística para ser objeto de discussão com os alunos.

Os alunos também identificam ver TV com assistir filmes na escola de forma esporádica, principalmente na aula de inglês. Assim, embora os números não sejam muito discrepantes, os alunos só reconhecem o uso da TV pelo professor de inglês. Como apenas a minoria dos professores que responderam os questionários era de inglês, caracteriza-se a divergência de informação.

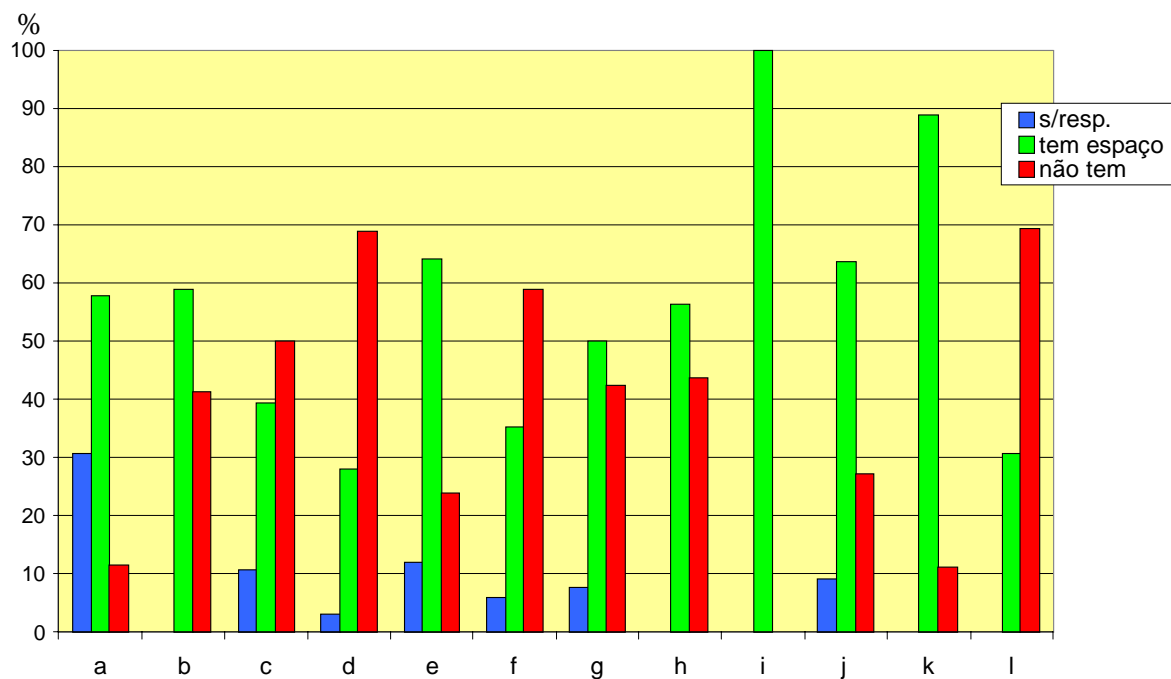


Quanto a resposta à pergunta, “Tem espaço para a TV na escola”, em seis escolas encontramos discrepâncias, como se pode ver nos gráficos a seguir. Na escola “e” enquanto quase 70% dos professores afirmam que não existe espaço para a TV na escola, apenas 50% dos alunos concordam com a resposta afirmativa. Na escola “g” quase 90% dos alunos afirmam que tem espaço para a TV na escola, enquanto apenas 50% dos professores dizem o mesmo. Nas escolas “h, j e k” as porcentagens de respostas afirmativas e negativas se invertem. Enquanto a maioria dos alunos responde que não há espaço para a TV na escola, a maioria dos professores diz que sim. Na escola “i” 100% dos professores afirmam que há espaço para a TV na escola e apenas 45% dos alunos concordam.

Respostas dos alunos à pergunta: Tem espaço para TV na escola?



Resposta dos professores à pergunta: Tem espaço para a TV na escola?

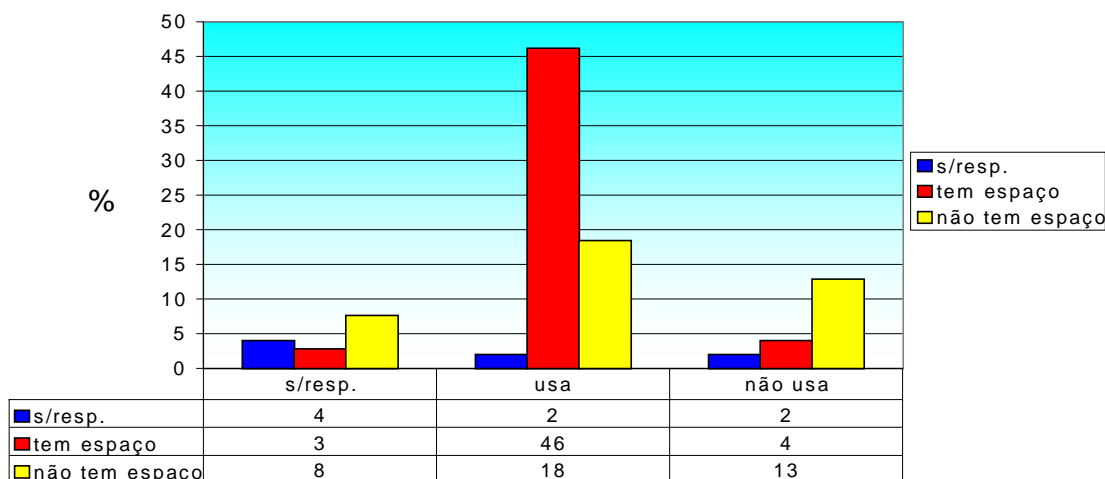


Em 7 das 12 escolas a maioria dos alunos afirma não haver espaço para a TV. Entre os professores esta negação só acontece em 4 escolas. Nas outras 8 escolas a maioria dos professores acha que há espaço para a TV.

Essas divergências apontam para o fato de que a presença da TV nas escolas não é um elemento inserido no projeto pedagógico, como se poderia supor, tendo em vista a divulgação pretendida pelo projeto da TV Escola³. Nós pudemos constatar que algumas escolas receberam os equipamentos da TV Escola, mas não tiveram condições de zelar pela sua manutenção. Alguns aparelhos de TV e Vídeo foram roubados e outros estão quebrados, fora de uso.

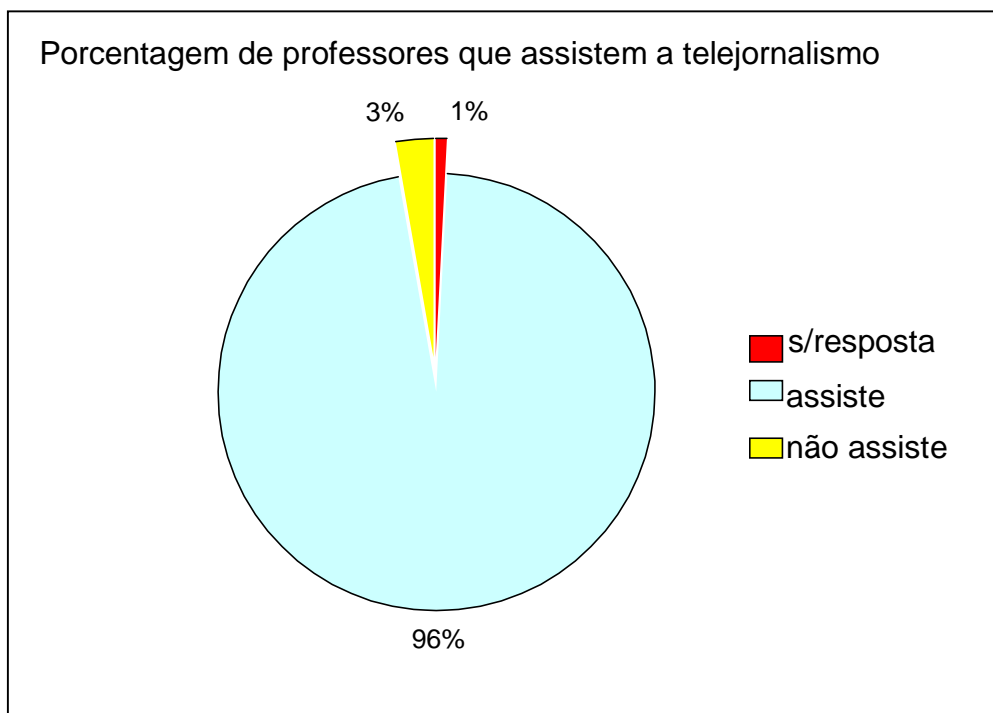
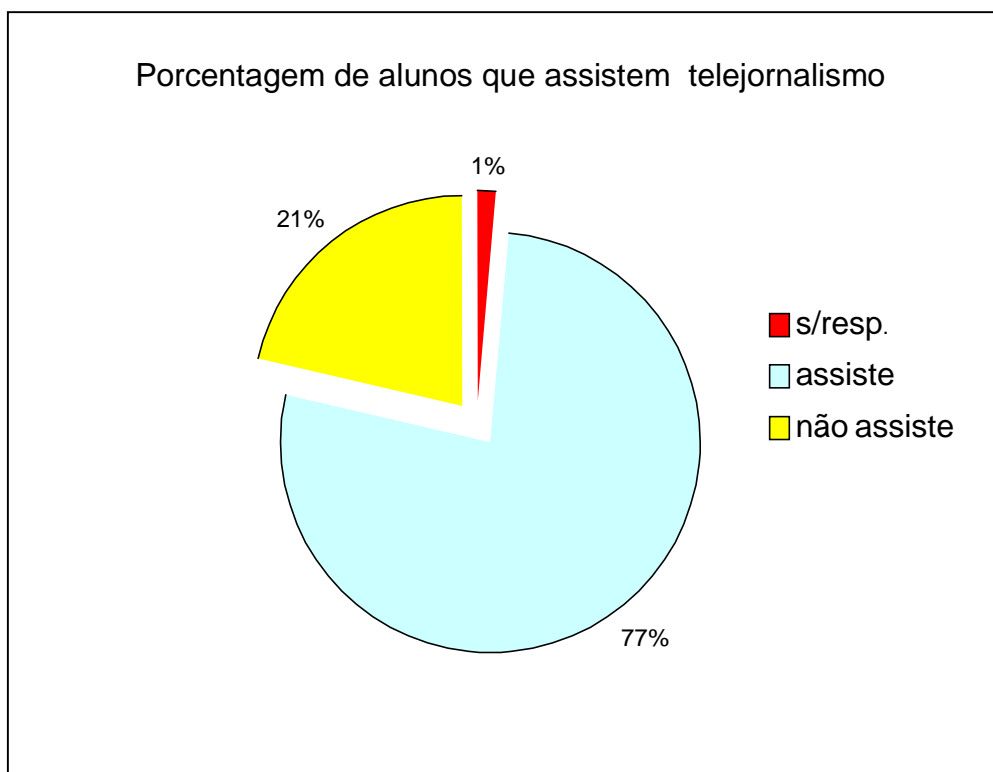
Cruzando as respostas dos professores constatamos que 46% dos professores afirmam que há espaço para a TV na escola e que a usam como recurso didático, enquanto 18% apesar de afirmar que não há espaço, ainda assim usam a TV em suas aulas. Esses 18% usam a TV com base na audiência que os alunos têm fora da escola, através de relatos e discussões. Entre os 19% que não usam a TV em seu trabalho pedagógico, 4% reconhecem que há espaço na escola para isso, embora não utilizem este espaço.

Cruzamento de respostas dos professores sobre ter espaço para a TV na escola e usá-la como recurso didático

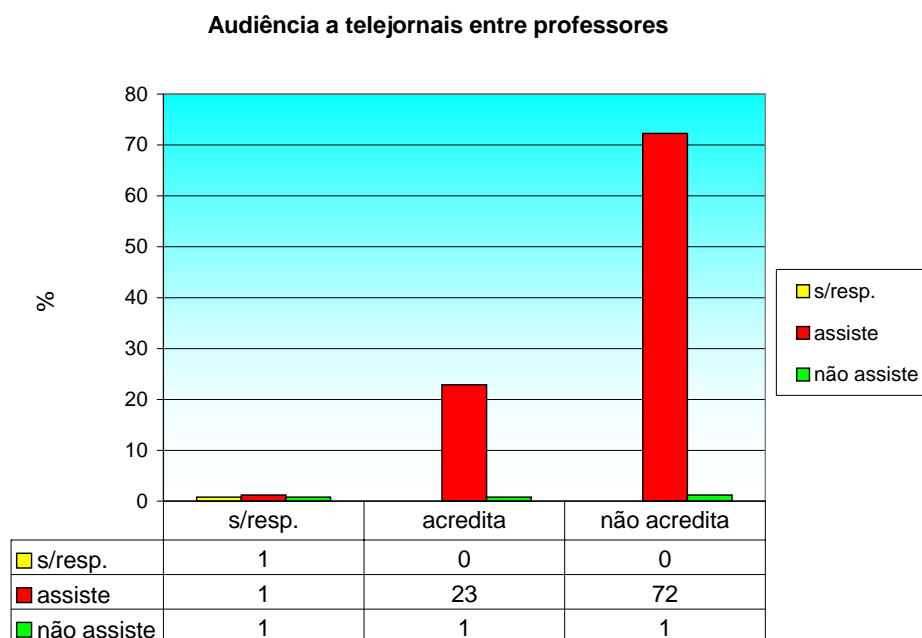


³ Projeto do Governo Federal do Brasil para utilização da TV nas escolas através de transmissão de programas por antena parabólica.

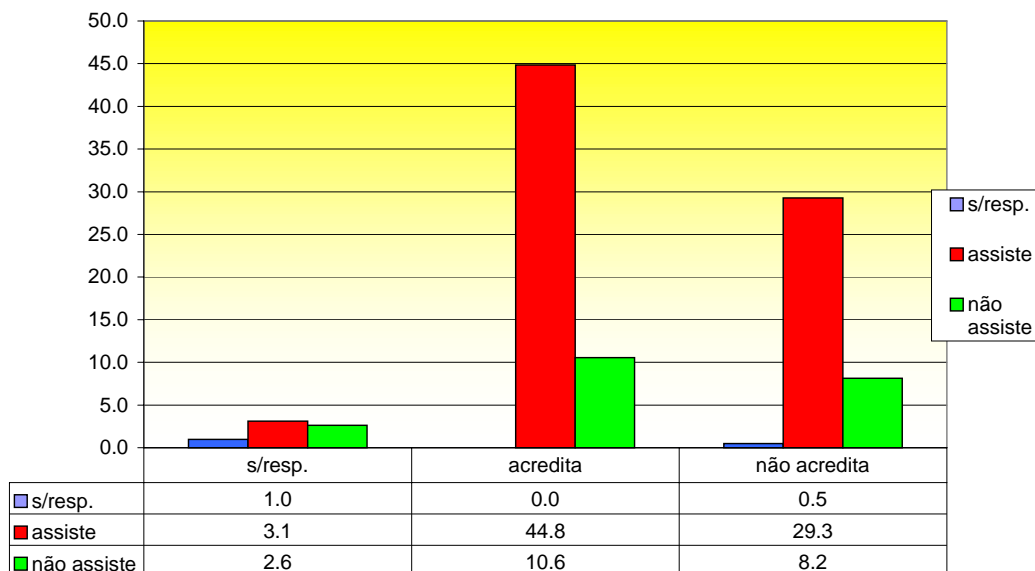
Quando verificamos a audiência a telejornalismo, vemos que uma porcentagem maior de professores assistem, 96% contra 77% dos alunos. Ainda assim consideramos esta porcentagem de alunos elevada, levando-se em conta que o telejornalismo não é definido como programa infantil ou infanto-juvenil.



Cruzando os dados constatamos que a maioria dos professores, 72%, assistem e não acreditam em tudo o que vêem nos telejornais, enquanto a maioria dos alunos assistem e acreditam. As razões alegadas pelos professores é que os telejornais estão a serviço de interesses dos patrocinadores que valorizam antes de tudo os índices de audiência, o que leva as emissoras a exagerar no sensacionalismo em detrimento do respeito à verdade. Para os alunos o fato de aparecer na TV já é uma garantia de verdade, pois dizem que o que podem ver pelas imagens atesta a veracidade do fato. Ainda assim, um grupo expressivo de alunos, quase 30% assiste programas telejornalísticos e afirma que não acredita em tudo porque as emissoras usam recursos para aumentar sua audiência que comprometem a veracidade dos fatos.

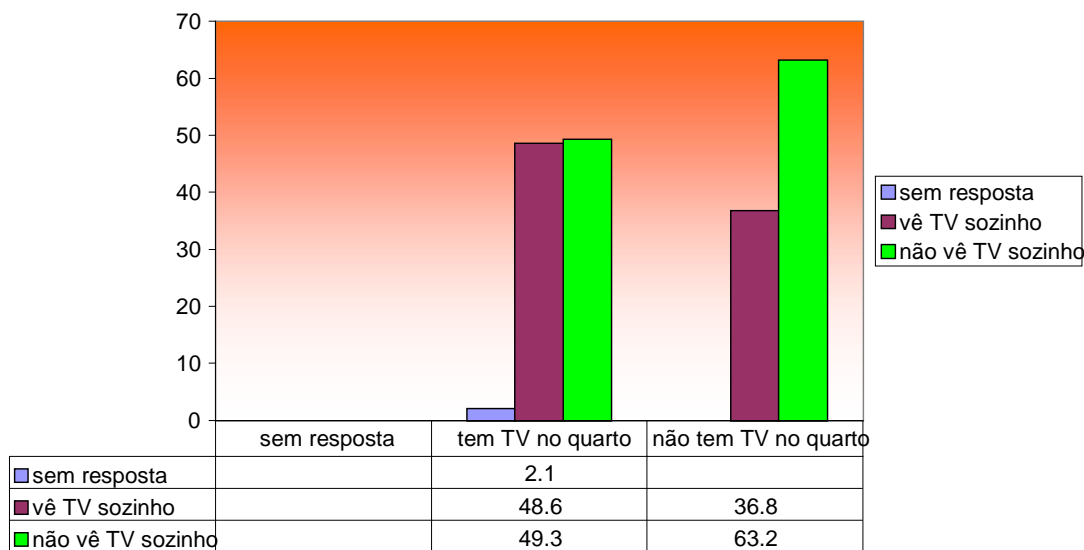


Audiência de alunos a telejornais



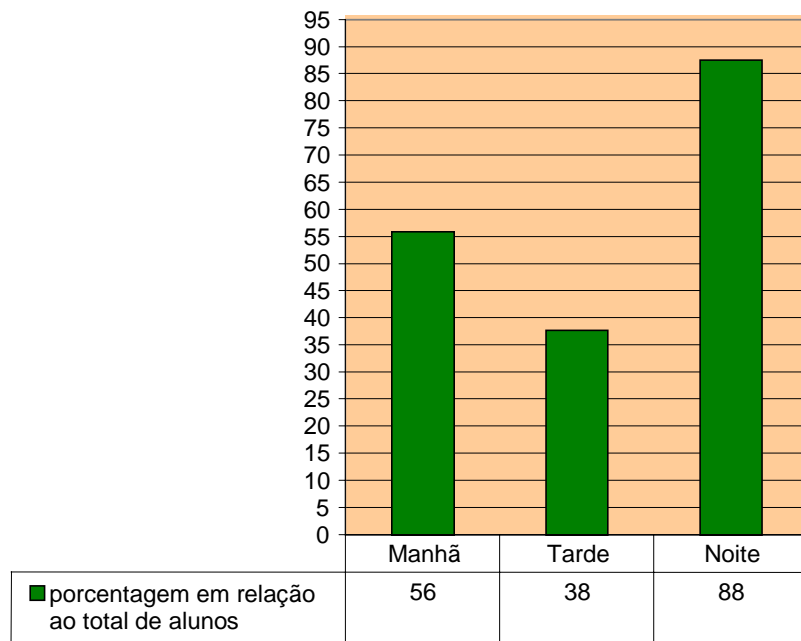
Também perguntamos como os alunos vêm TV. Queríamos saber se assistiam TV sozinhos e se decidiam que programa ver. Também perguntamos se tinham o costume de comentar o que viam com outras pessoas.

Cruzamento de dados de "Ter Tv no quarto" com "Ver Tv sozinho"
 (porcentagem sobre cada grupo de alunos que tem ou não TV no quarto)



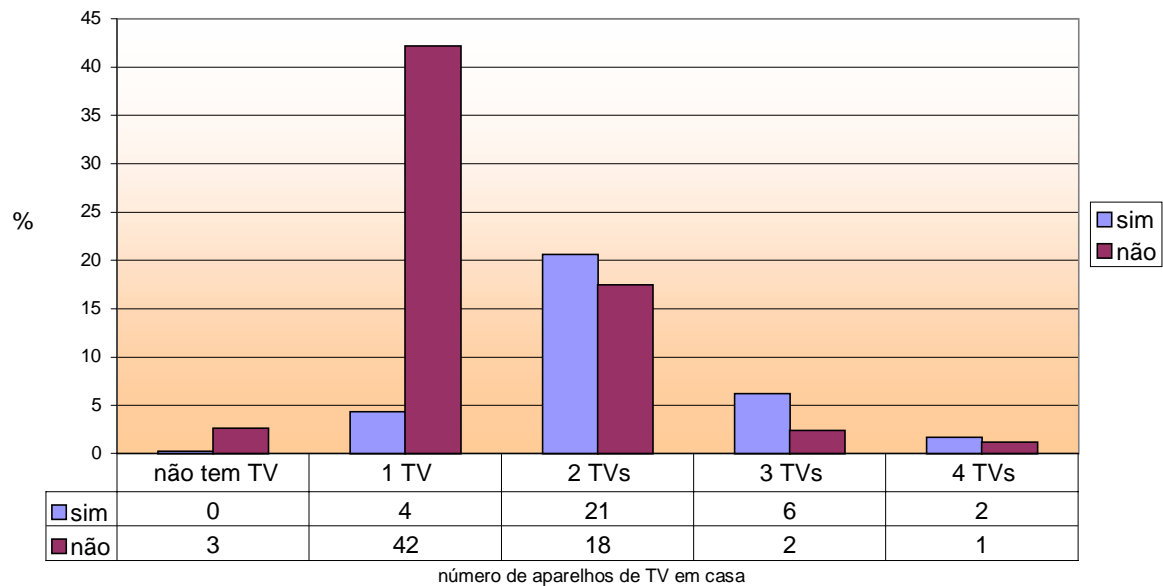
Cruzando as respostas à questão “ter TV no quarto” com “ver TV sozinho”, constatamos que o fato de ter ou não TV no quarto não é um dado que influencia o fato de ver TV sozinho. Pelo gráfico acima, entre os que têm TV no quarto os grupos são muito semelhantes (48,6% vê TV sozinho e 49,3% não vê TV sozinho). Entre os que não têm TV no quarto a maioria(63,2%) não vê TV sozinho, o que também não impede que 36,8% veja TV sozinho. Como as 12 escolas estão localizadas em áreas de população de baixa renda, é de se supor que as casas sejam pequenas e mesmo que a TV esteja no quarto, talvez o jovem não ocupe sozinho o quarto, dividindo-o com outro membro da família. Por outro lado, a falta de oportunidade de lazer na cidade e de espaços adequados à convivência para crianças e jovens, faz com que eles permaneçam muito tempo em casa, tendo como única diversão a TV. Estão na frente da TV durante o dia, em período alternado ao da escola, enquanto seus pais trabalham. Nessas horas vêm TV sozinhos. É o que mostra o gráfico que diz em que período os alunos assistem TV. Vemos que 56% assistem TV pela manhã e 38% durante a tarde.

Períodos em que os alunos assistem TV em %



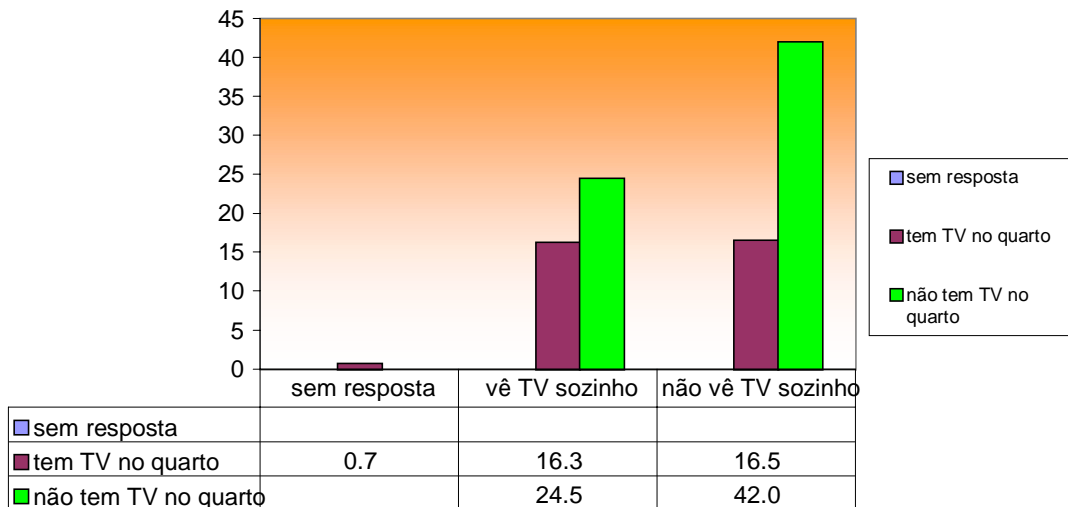
Pelo gráfico abaixo podemos ver que a maioria (46%) dos alunos tem só um televisor em casa. Destes, 42% não têm TV no quarto e 4% afirmam que têm TV no quarto. Do total de alunos, 3% não têm TV em casa e 39% têm 2 TVs.

Cruzamento de dados entre o número de aparelhos em casa e ter TV no quarto.



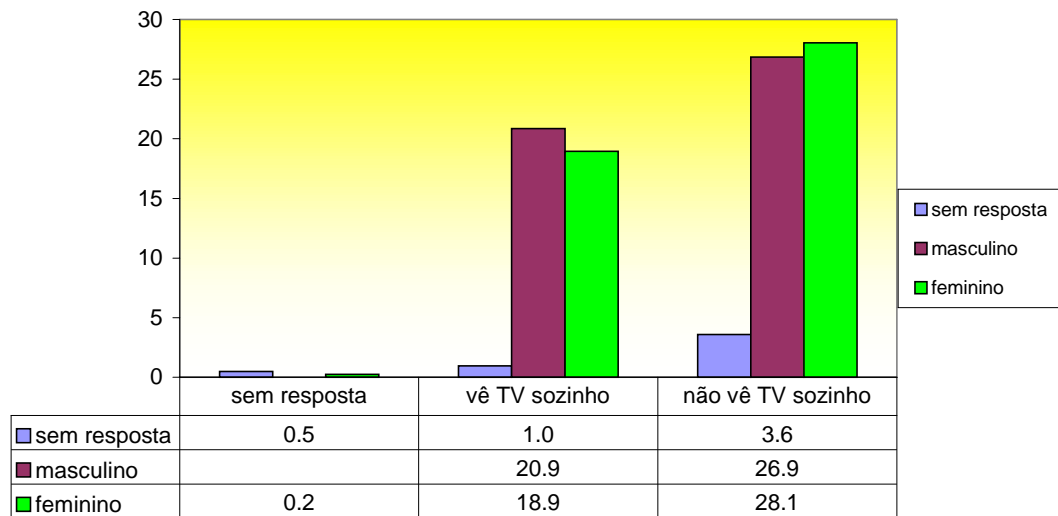
Pelo gráfico abaixo verificamos que do total de alunos da pesquisa, a maioria não tem TV no quarto e não vê TV sozinho. Esta questão tem relação com a nossa preocupação em definir como os adultos podem estar influenciando a audiência das crianças e jovens.

**Cruzamento de dados de "Ter TV no quarto" com "Ver TV sozinho"
(porcentagem sobre o total de alunos)**

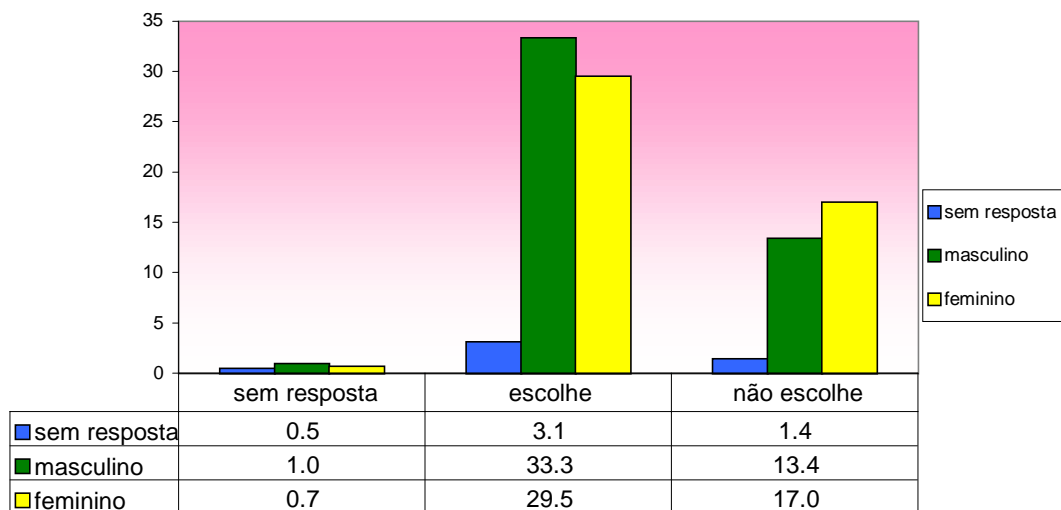


Procuramos saber também, se havia uma correlação entre o sexo e a audiência à TV entre os alunos. Em primeiro lugar verificamos que a população pesquisada estava bem equilibrada, ou seja, 50% de cada sexo. Pelos gráficos a seguir, vemos que não há muita diferença entre os sexos quanto ao fato de verem TV sozinhos. Há uma diferença de apenas 2 pontos percentuais a mais para os meninos. A diferença se acentua quando perguntamos se escolhe o que ver na TV. Dos quase 66% que afirmam que escolhem sozinhos, a maioria são meninos, enquanto dos quase 32% que dizem que não escolhem, a maioria são meninas.

Comparando sexo com "vê TV sozinho" entre os alunos

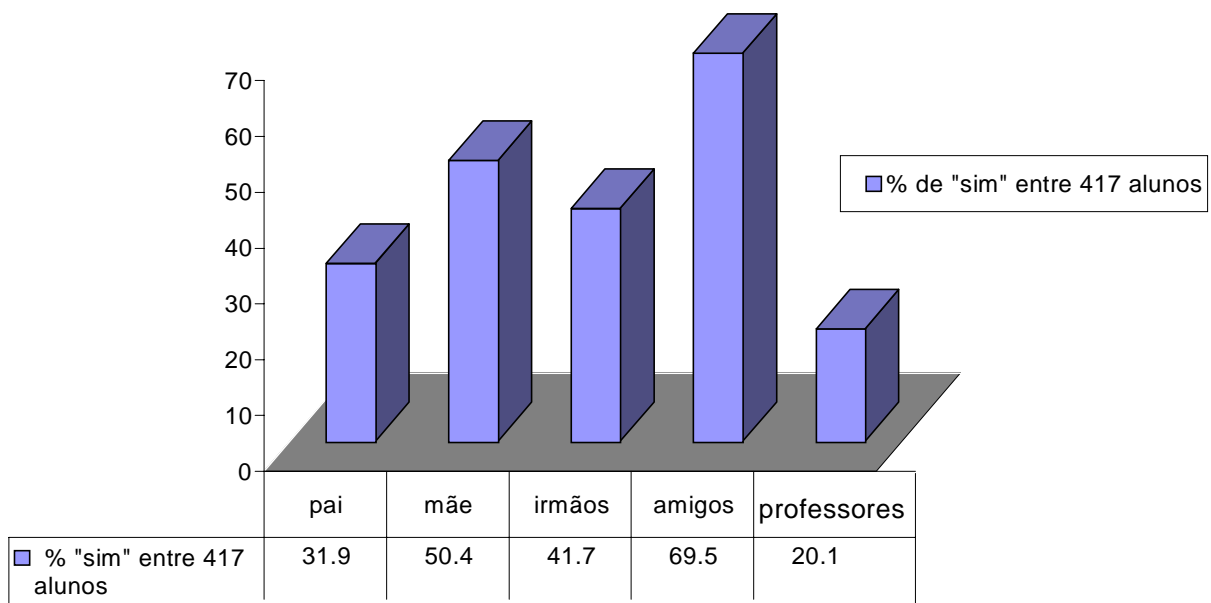


Comparando sexo dos alunos com "escolhe o que vê na TV"

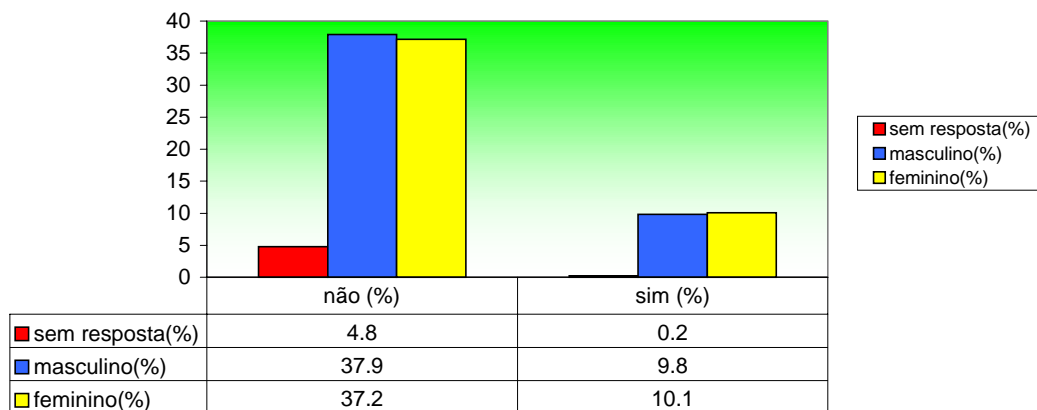


Quando perguntamos com quem os alunos comentam o que vêem na TV, percebemos pelo gráfico abaixo que a maioria, 69,5 %, comenta com amigos e 50,5 % comenta com a mãe. Apenas 20,1 % afirma que comenta com os professores. Também vimos que preferem comentar com a mãe do que com o pai. Como não sabemos se os pais estão presentes em todos os lares, não consideramos essa diferença significativa. Entre os que comentam com os professores não aparece diferença significativa entre os sexos.

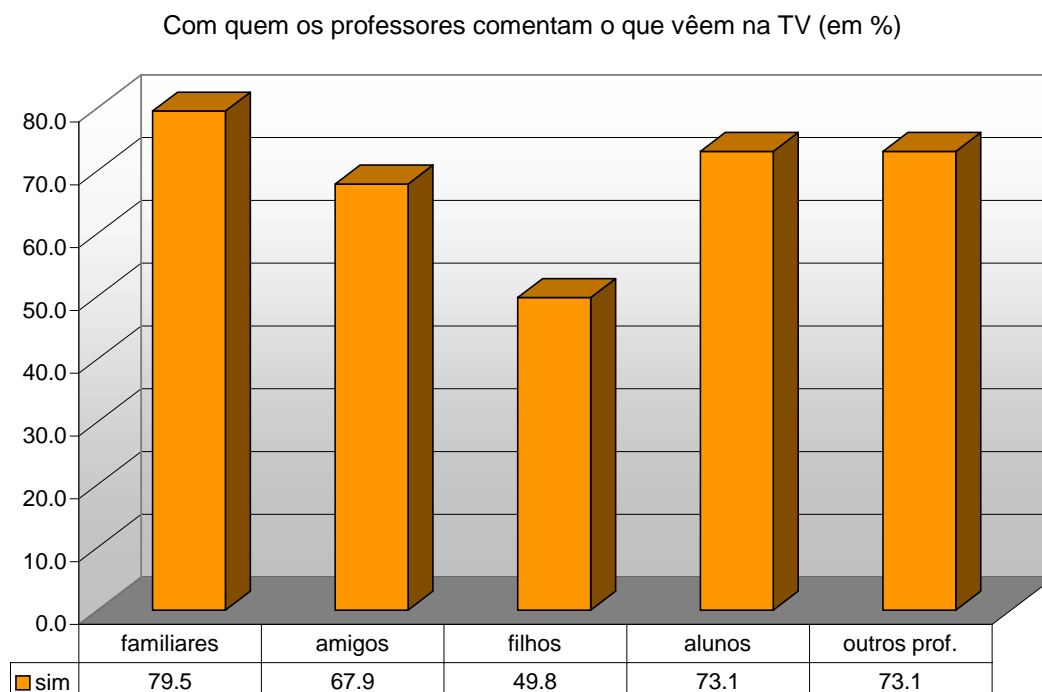
Com quem você comenta o que vê na TV?



Cruzamento de respostas por sexo: Você comenta o que vê na TV com seus professores?



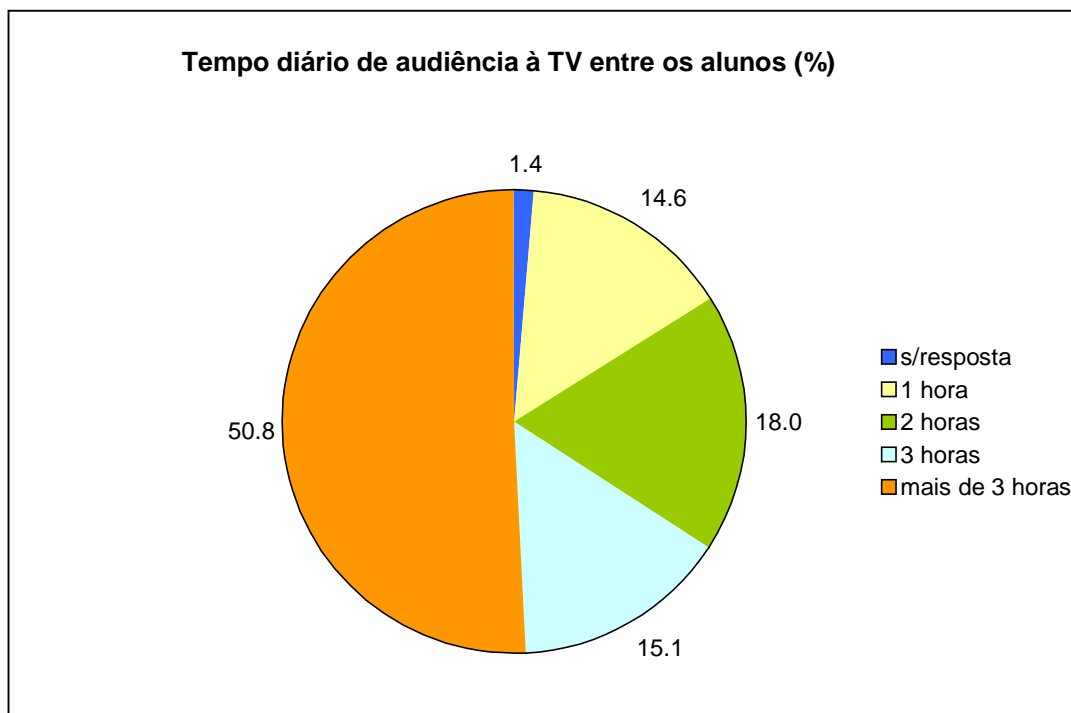
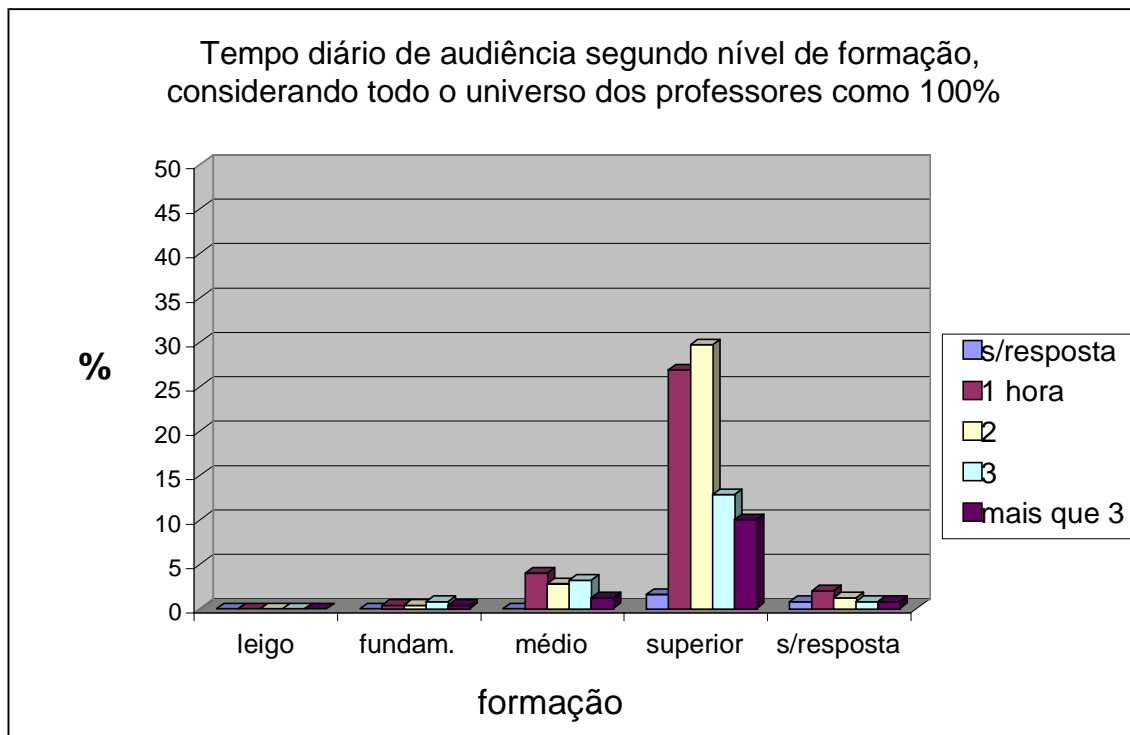
As respostas dos professores à pergunta, “com quem você comenta o que vê na TV”, estão no gráfico abaixo.



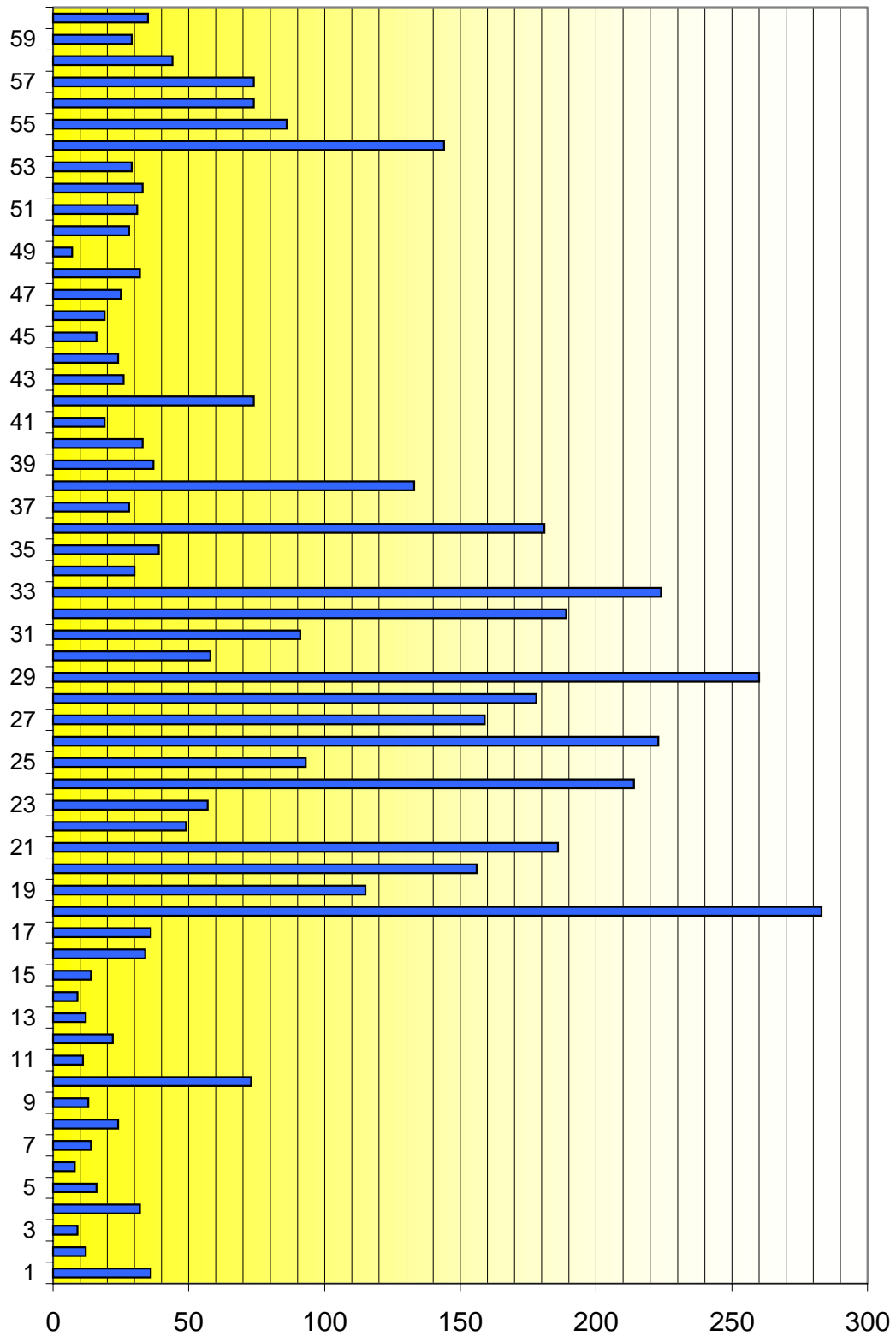
Pelas respostas dos professores 73,1 % comenta com os alunos o que assiste na TV. Este dado é conflitante com a resposta dos alunos que aponta para apenas 20,1% dos alunos comentando sobre o que vêem na TV. Estes números podem indicar que para os alunos é pouco relevante a opinião dos professores sobre as suas escolhas do que assistir na TV, enquanto para a maioria dos professores trazer a TV como pauta de discussão é uma prática relevante.

Outro dado interessante é que os professores também valorizam a troca de idéias com a família (79,5 %). Sabendo que 50,4% dos seus alunos comentam o que vêem com a mãe, podem considerar relevante colocar a audiência à TV nas pautas das reuniões de pais. Desta forma poderiam definir estratégias de ação conjunta da escola com a família, em benefício da Educação para os Meios.

Quanto ao tempo diário dedicado a assistir TV, observamos, pelos gráficos a seguir, que a maioria dos professores pesquisados é de nível superior e assiste entre 1 e 2 horas de TV por dia. Já entre os alunos a maioria (50,8 %) dedicam mais de 3 horas diárias à TV.



Audiência aos programas jornalísticos entre os alunos



Fizemos um levantamento de audiência entre alunos e professores.

Legenda dos programas no gráfico anterior:

emissora	no gráf.	programa	alunos	emissora	no gráf.	programa	alunos
Cultura	1	Turma da Cultura	36	Globo	31	Jornal da Globo	91
	2	Metrópolis	12		32	Globo Reporter	189
	3	Opinião Brasil	9		33	Linha Direta	224
	4	Jornal da Cultura	32	Record	34	Fala Brasil	30
	5	Roda Viva	16		35	São Paulo Notícia	39
	6	Conversa Afiada	8		36	Cidade Alerta	181
	7	Jornal da Cultura	14		37	Jornal da Record	28
		edição de sábado			38	Leão Livre	133
	8	Repórter Eco	24	Rede TV	39	Primeira Edição	37
	9	Vitrine	13		40	Se Liga Brasil	33
TV Setorial	10	Jornal Setorial	73		41	Brazil Cinection	19
	11	Matéria Pública	11	CNT	42	Gazeta Esportiva	74
	12	Rede Brasil (daTVE)	22		43	CNT Jornal	26
	13	Rede Rio	12	Canal 21	44	Jornal São Paulo	24
	14	Trabalho Legislativo	9		45	Circular	16
	15	Roda Viva	14		46	Jornal Dez	19
	16	Jornal da Cultura	34	Rede Mulher	47	Jornal do Nenê	25
	17	Diário Paulista	36		48	Brasil Debate	32
SBT	18	Ratinho	283	Rede Vida	49	JCTV	7
	19	Jornal do SBT	115		50	Rede Brasil Revista	28
	20	Programa Livre	156	Band	51	Diário Rural	31
	21	SBT Reporter	186		52	Dia Dia News	33
Globo	22	Globo Ecologia	49		53	Dia Dia Revista	29
	23	Globo Ciência	57		54	Esporte Total	144
	24	Globo Esporte	214		55	Band Cidade	86
	25	Jornal Hoje	93		56	Jornal da Band	74
	26	Jornal Nacional	223		57	Realidade	74
	27	Globo Rural	159		58	Jornal da Noite	44
	28	Esporte Espetacular	178		59	Linha de Frente	29
	29	Fantástico	260		60	Band Economia	35
	30	Bom dia Brasil	58				

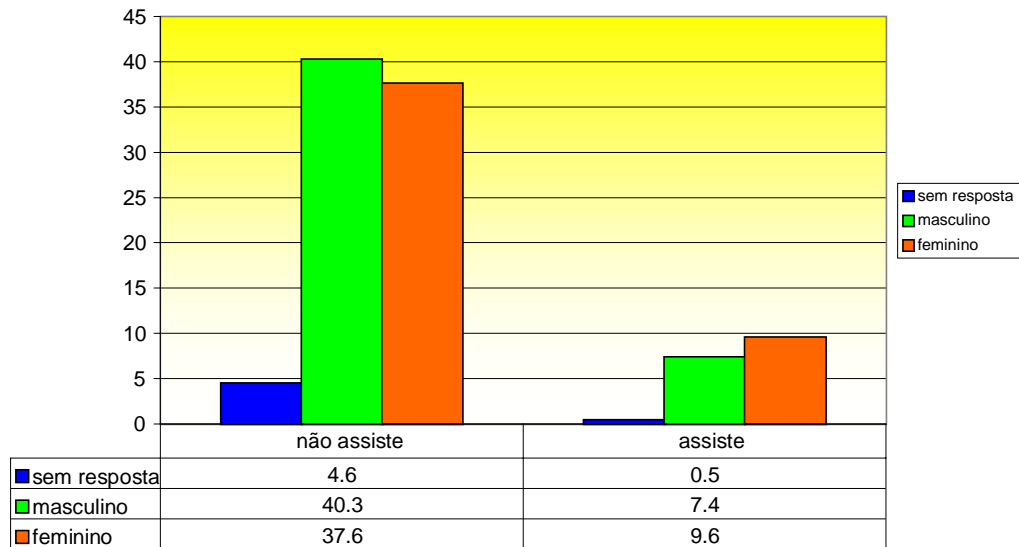
Constatamos que os 5 programas de maior audiência entre os alunos são: Ratinho, Fantástico, Linha Direta, Jornal Nacional e Globo Esporte. Vemos uma predominância de programas como Ratinho e Linha Direta, com forte apelo à violência e outros com perfil de jornalismo espetáculo, mais voltado para o entretenimento do que propriamente o jornalismo de serviço, como Fantástico, Jornal Nacional e Globo Esporte⁴.

Também destacamos a audiência ao Jornal da Cultura e Jornal Setorial da emissora local, TV Setorial, que são voltados mais para o jornalismo de serviço, dito jornalismo cidadão. Constatamos que esses dois programas tinham um índice de audiência muito baixo entre os alunos. Apenas 17,5%

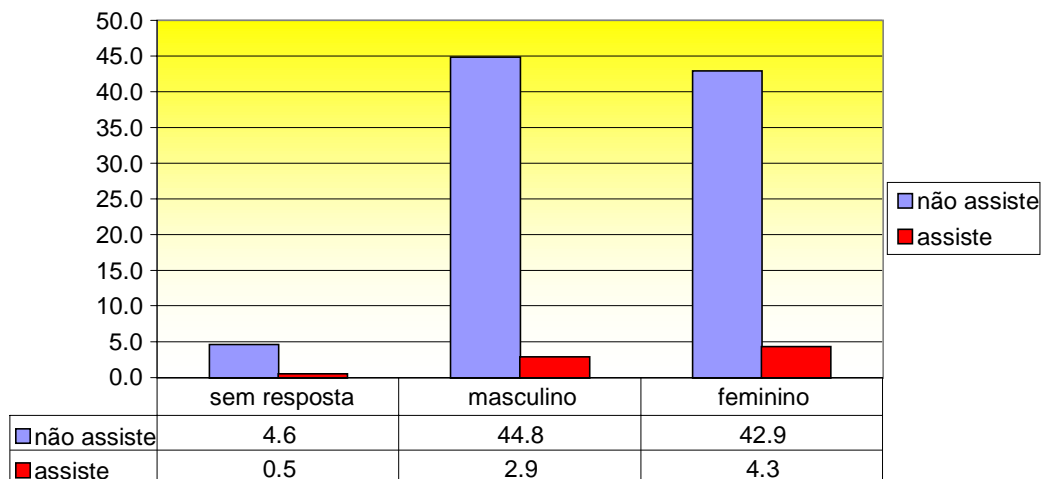
⁴ Na época em que foram aplicados os questionários o jornalismo da Rede Globo de televisão era marcado por um forte sensacionalismo, numa disputa de audiência com o SBT. A partir de 2002 percebemos uma mudança significativa no jornalismo da Globo, com uma tendência à valorização do jornalismo de serviço, abrindo espaço para notícias positivas com significado social, buscando a prática do jornalismo cidadão.

assistiam ao Jornal Setorial, sendo a maioria do sexo feminino. Quanto ao jornal da Cultura apenas 7,7% assistiam e destes também a maioria são meninas.

Cruzamento de dados entre sexo e audiência ao Jornal Setorial entre os alunos (%)

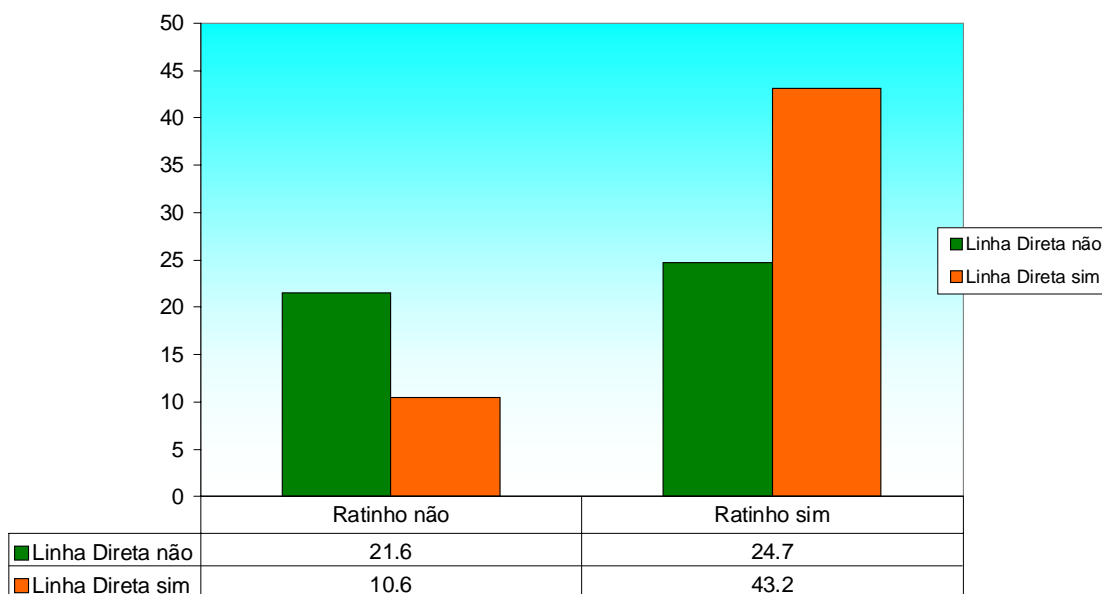


Cruzamento de dados entre sexo e audiência dos alunos ao Jornal da Cultura (% do total)



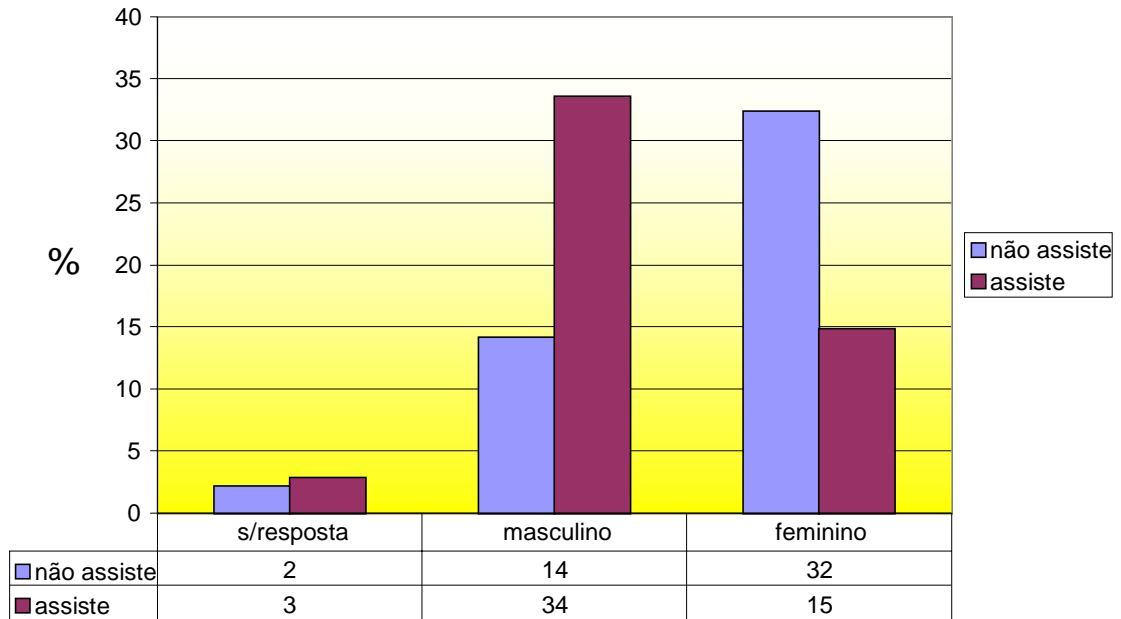
Cruzamos os dados de audiência dos alunos ao Ratinho e Linha direta e constatamos que 43,2% dos alunos assistem os dois programas e que 21,5% não assistem aos dois programas. 24,7% assistem o Ratinho, mas não Linha Direta e apenas 10,6% assistem Linha Direta, mas não o Ratinho. Assim pode-se dizer que há uma correlação positiva entre os dois programas.

Cruzamento entre os alunos que assistem Ratinho e Linha Direta em %

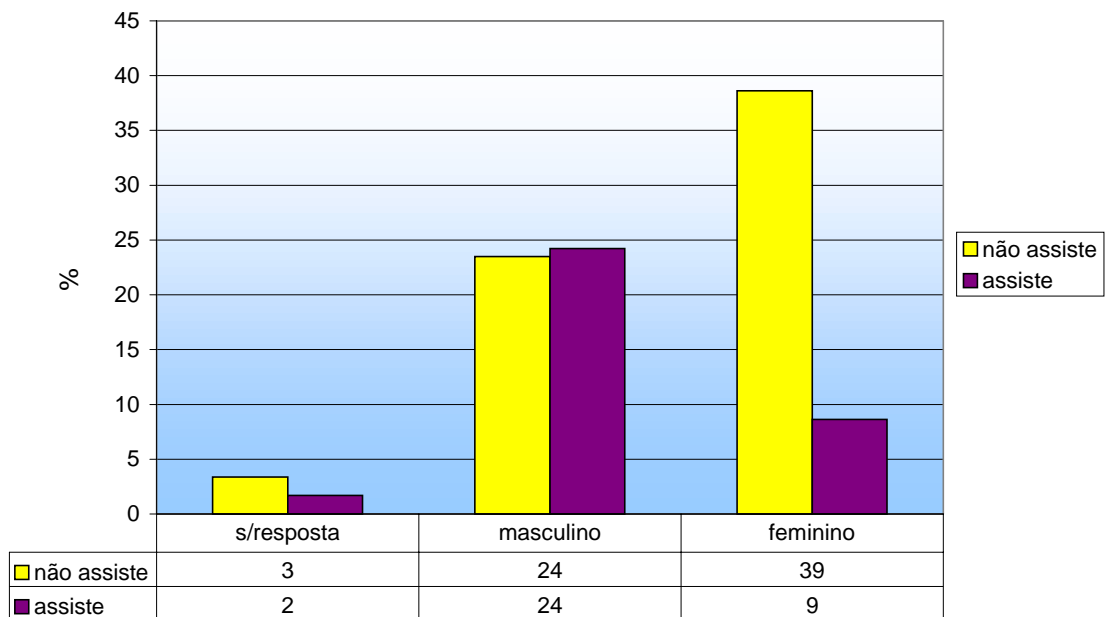


Cruzamos os dados de audiência com os dados do sexo dos alunos. Encontramos uma forte preferência dos meninos em relação ao Globo Esporte (mais do que o dobro dos meninos em relação às meninas). O mesmo acontece com o Esporte Total da BAND (24% de meninos e apenas 9% de meninas). Já a audiência do Linha Direta, nota-se que é um pouco maior entre os meninos (3% a mais). Quanto ao programa do Ratinho, observa-se uma diferença maior, ou seja, 36% entre os meninos e 29% entre as meninas. Esses dados podem ser observados nos gráficos a seguir.

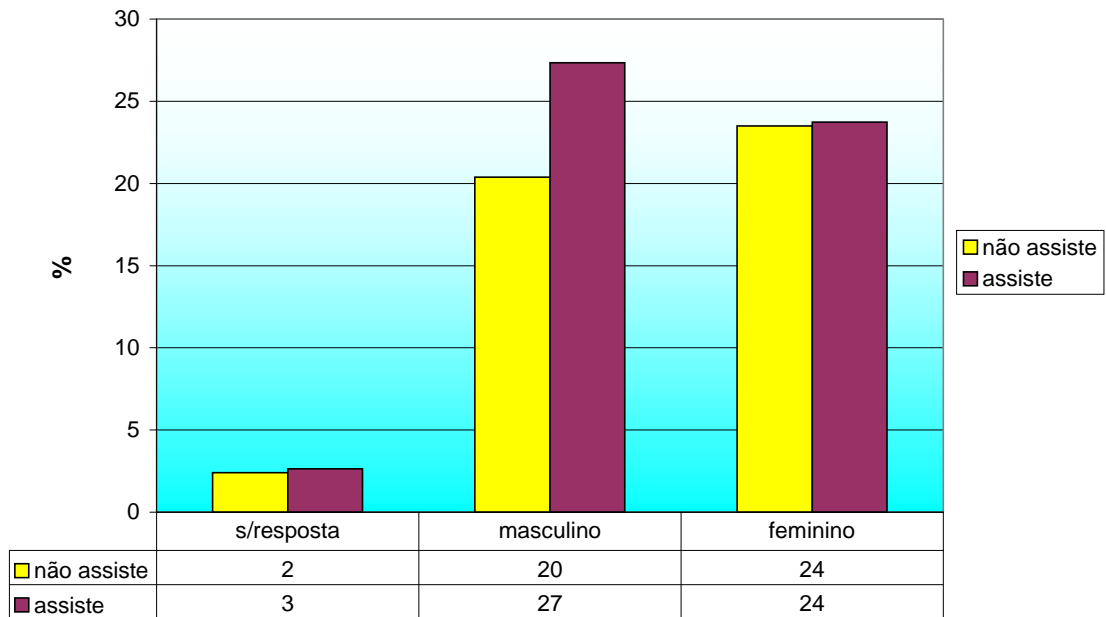
Audiência dos alunos ao Globo Esporte- diferença entre os sexos em %



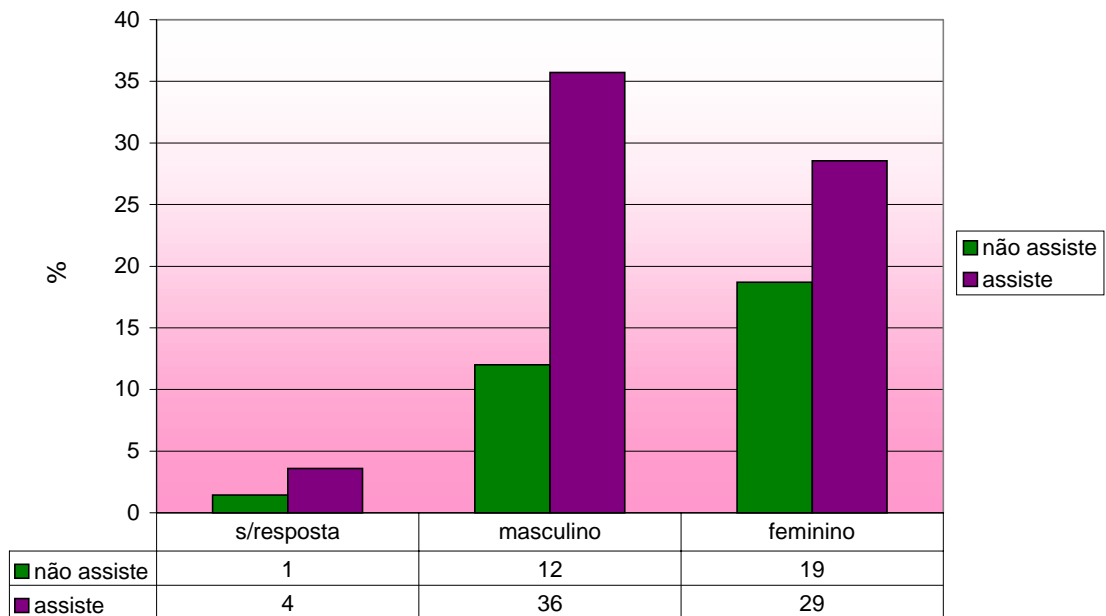
Audiência dos alunos ao Esporte Total da BAND = diferença entre sexos em %



Audiência dos alunos ao Linha Direta - diferença entre os sexos em %

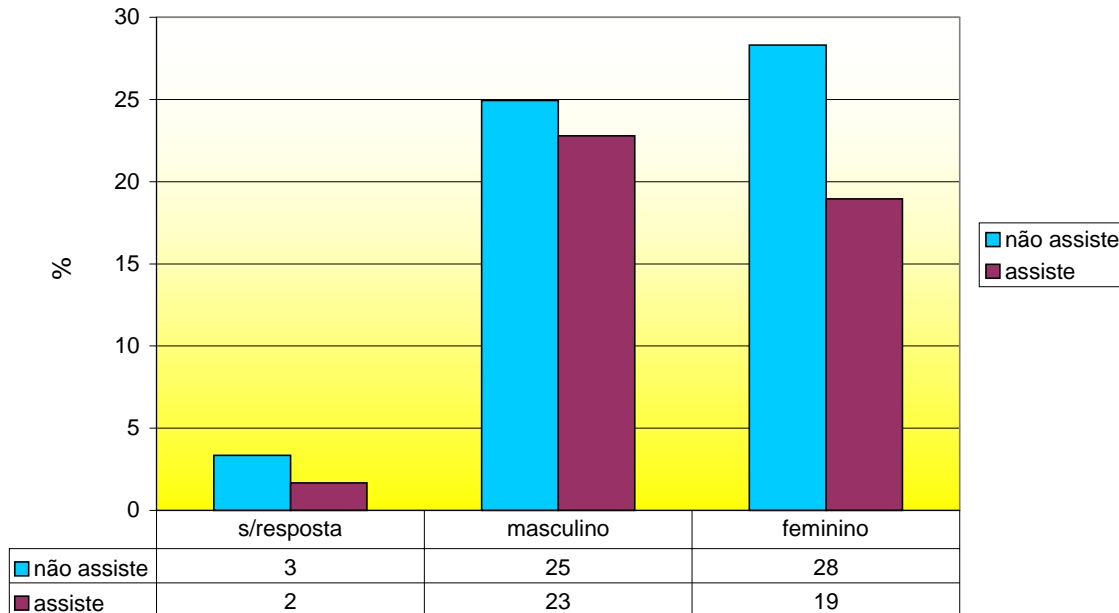


Audiência dos alunos ao Ratinho - diferença entre os sexos em %



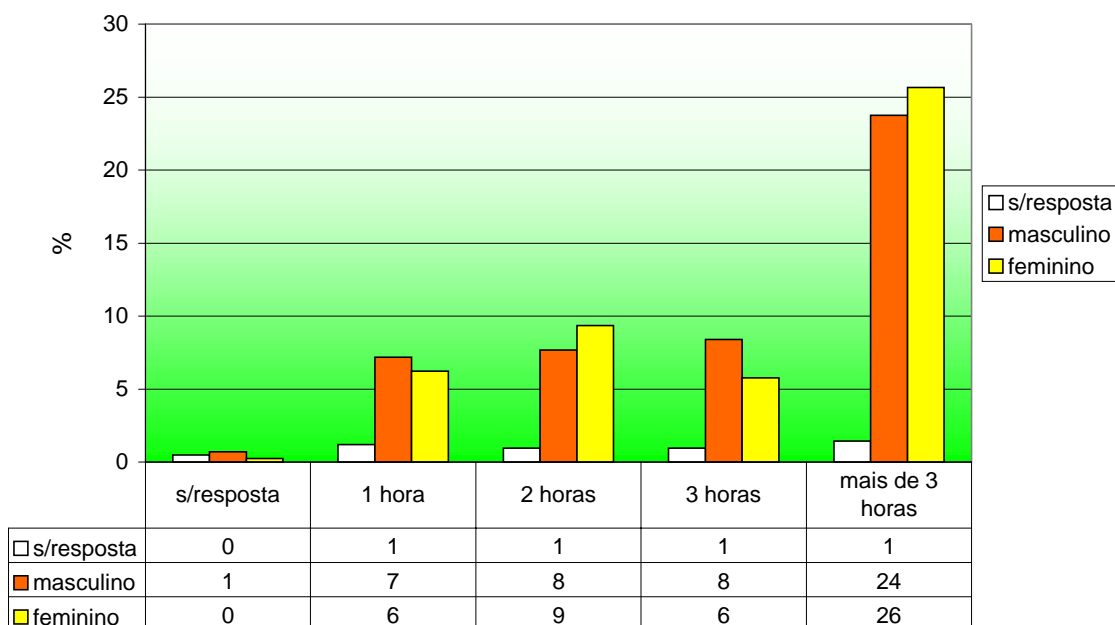
A audiência ao Cidade Alerta também é maior entre os meninos (26% contra 19% das meninas).

Audiência dos alunos ao Cidade Alerta - diferença entre os sexos em %



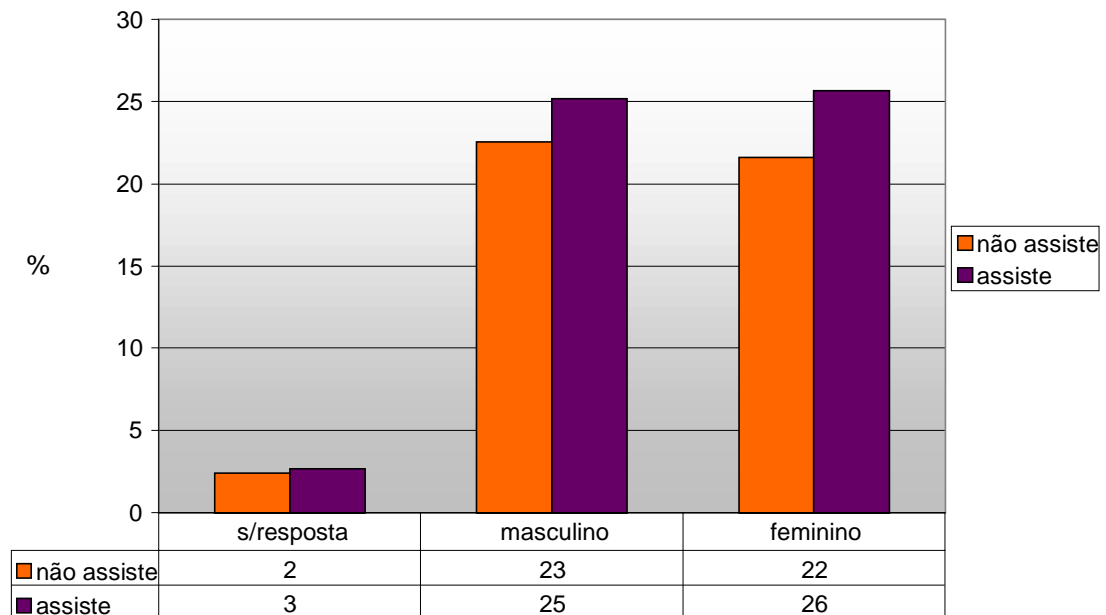
Comparando a quantidade de horas que meninos e meninas declararam, que dedicam à TV, notamos que as meninas assistem mais tempo de TV, mas a diferença é bem pequena. O gráfico abaixo mostra isso.

Diferença entre os sexos em tempo de audiência dos alunos (em %)

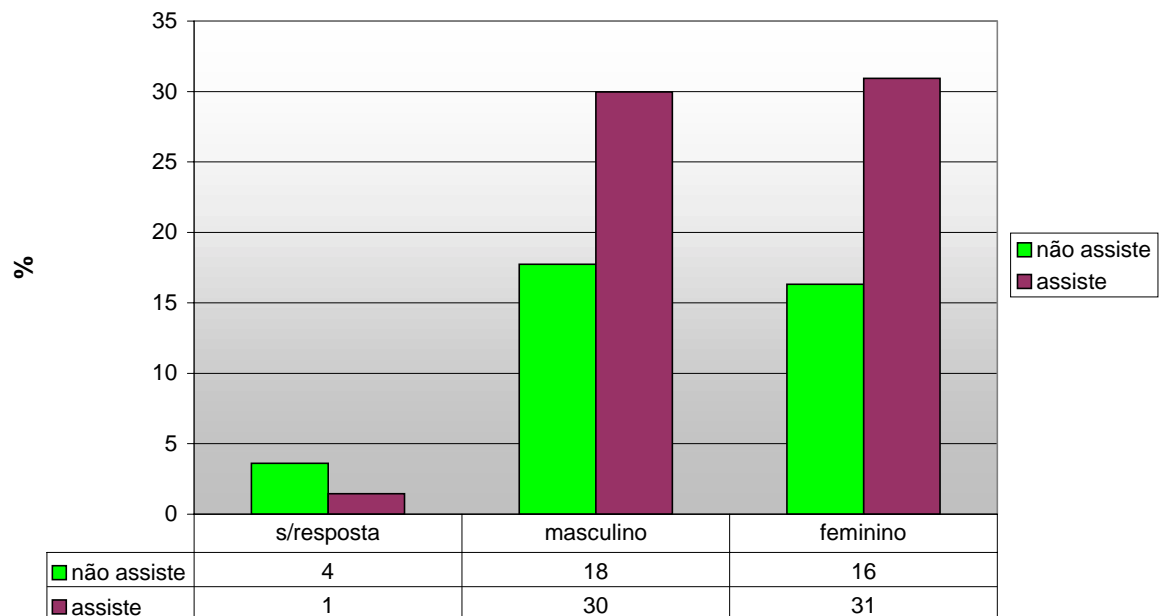


Na audiência dos alunos ao Jornal Nacional e ao Fantástico não há diferença significativa entre os sexos. É o que se pode ver nos gráficos a seguir.

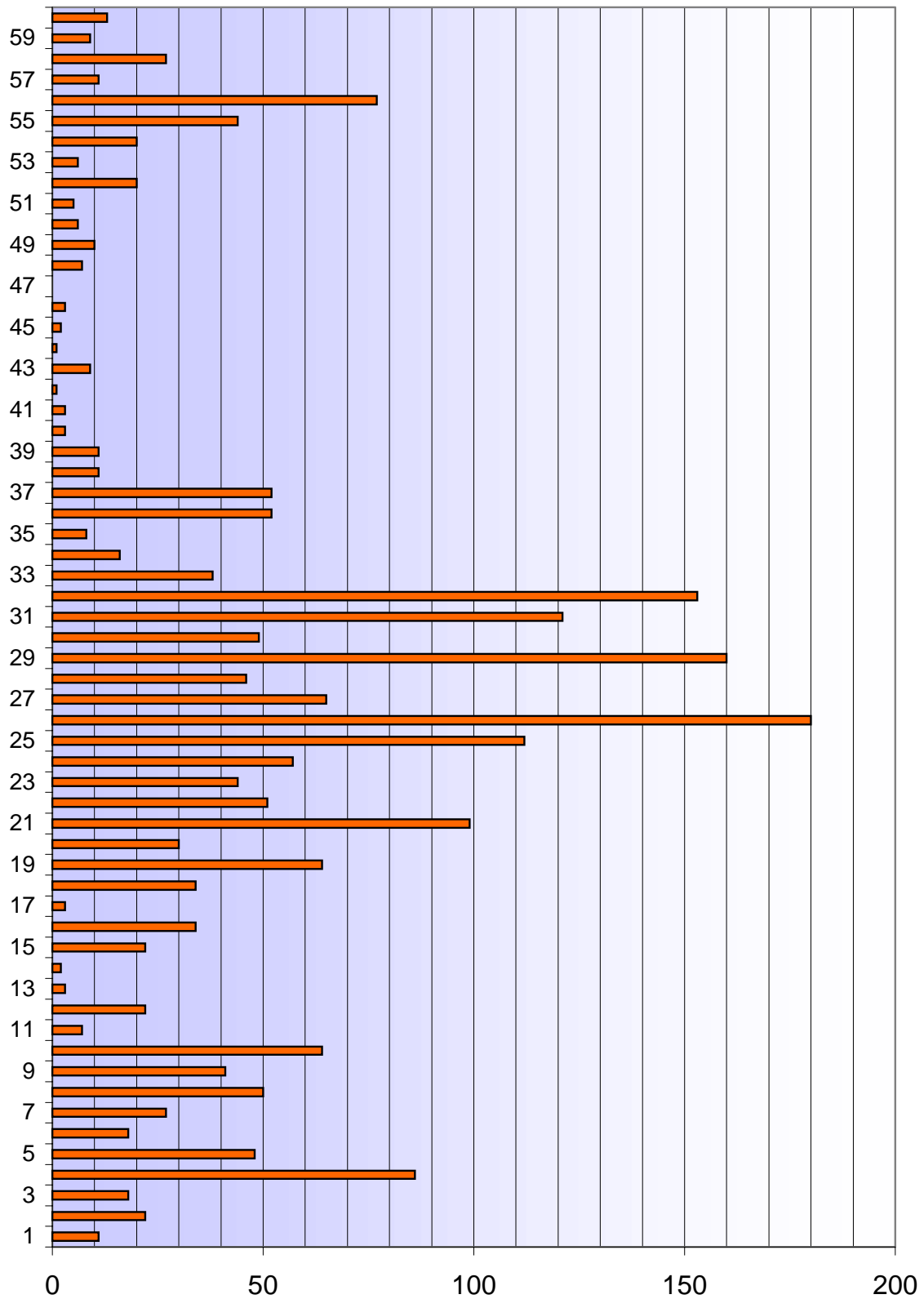
Audiência dos alunos ao Jornal Nacional- diferença entre sexos em %



Audiência dos alunos ao Fantástico - diferença entre sexos em %



Audiência aos programas jornalísticos entre os professores



Legenda do Gráfico de audiência dos professores

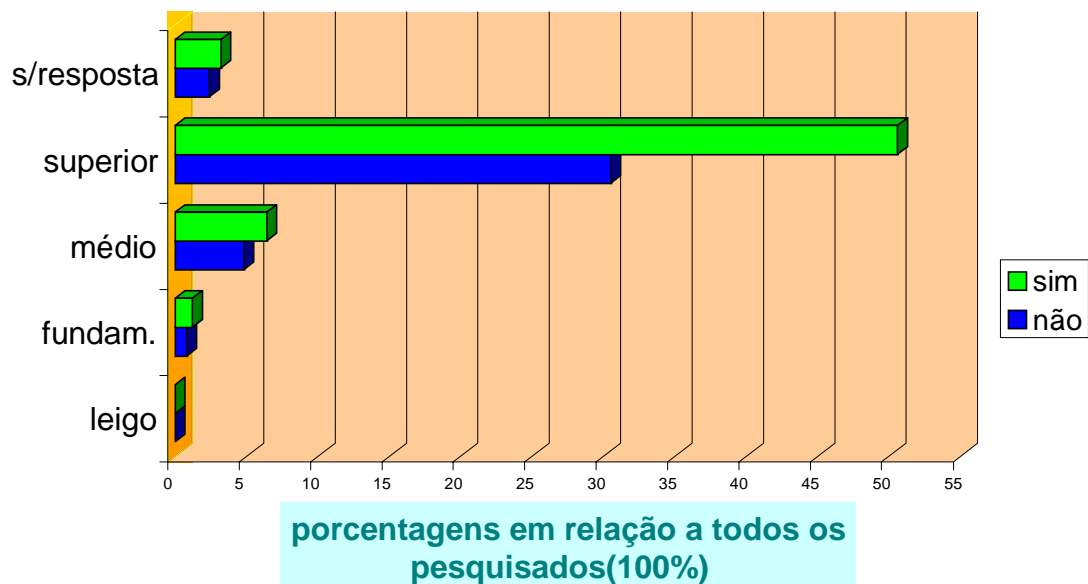
emissora	no gráf.	programa	prof.	emissora	no gráf.	programa	prof.
Cultura	1	Turma da Cultura	11	Globo	31	Jornal da Globo	121
	2	Metrópolis	22		32	Globo Reporter	153
	3	Opinião Brasil	18		33	Linha Direta	38
	4	Jornal da Cultura	86	Record	34	Fala Brasil	16
	5	Roda Viva	48		35	São Paulo Notícia	8
	6	Conversa Afiada	18		36	Cidade Alerta	52
	7	Jornal da Cultura	27		37	Jornal da Record	52
		edição de sábado			38	Leão Livre	11
	8	Repórter Eco	50	Rede TV	39	Primeira Edição	11
	9	Vitrine	41		40	Se Liga Brasil	3
TV Setorial	10	Jornal Setorial	64		41	Brazil Cinection	3
	11	Matéria Pública	7	CNT	42	Gazeta Esportiva	1
	12	Rede Brasil (daTVE)	22		43	CNT Jornal	9
	13	Rede Rio	3	Canal 21	44	Jornal São Paulo	1
	14	Trabalho Legislativo	2		45	Circular	2
	15	Roda Viva	22		46	Jornal Dez	3
	16	Jornal da Cultura	34	Rede Mulher	47	Jornal do Nenê	0
	17	Diário Paulista	3		48	Brasil Debate	7
SBT	18	Ratinho	34	Rede Vida	49	JCTV	10
	19	Jornal do SBT	64		50	Rede Brasil Revista	6
	20	Programa Livre	30	Band	51	Diário Rural	5
	21	SBT Reporter	99		52	Dia Dia News	20
Globo	22	Globo Ecologia	51		53	Dia Dia Revista	6
	23	Globo Ciência	44		54	Esporte Total	20
	24	Globo Esporte	57		55	Band Cidade	44
	25	Jornal Hoje	112		56	Jornal da Band	77
	26	Jornal Nacional	180		57	Realidade	11
	27	Globo Rural	65		58	Jornal da Noite	27
	28	Esporte Espetacular	46		59	Linha de Frente	9
	29	Fantástico	160		60	Band Economia	13
	30	Bom dia Brasil	49				

Constatamos que os 5 programas de maior audiência entre os professores são: Jornal Nacional, Fantástico, Globo Repórter, Jornal da Globo e Jornal Hoje, todos da Rede Globo.

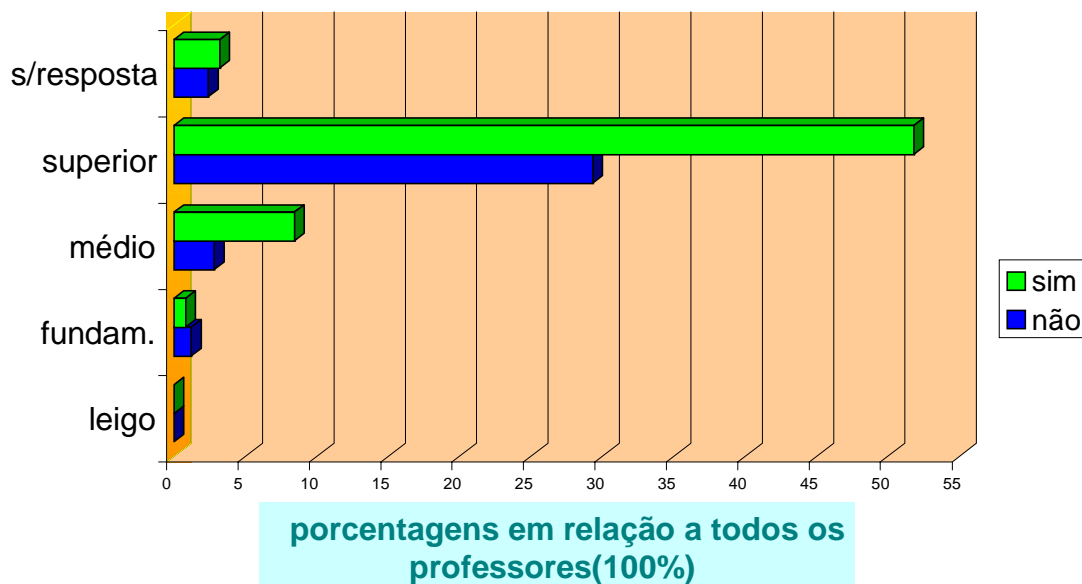
Dos professores pesquisados 80% tem nível superior e 50% tem nível superior e assiste o Globo Reporter. Entre os outros níveis de escolaridade também a maioria assiste este programa. A audiência ao Fantastico apresenta um gráfico muito semelhante.

Em relação ao Jornal Nacional a maioria dos professores (quase 60 %) de nível superior assiste e também a maioria dos outros níveis de escolaridade.

Audiência ao Globo Reporter entre todos os professores pesquisados de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba

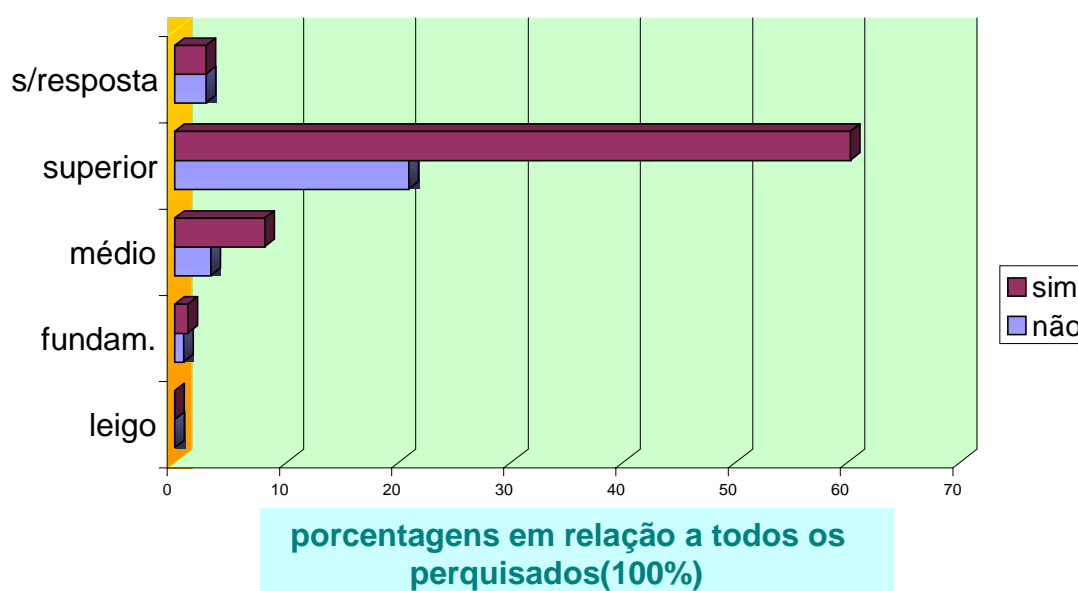


Audiência ao Fantástico entre todos os professores pesquisados de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba



Os níveis de audiência encontrados são diferentes dos índices do IBOPE⁵ no mesmo período, que aponta para 37% de audiência para o Jornal Nacional e 33% para o Fantástico. No entanto esses índices não podem ser comparados aos obtidos pelos nossos questionários devido à diferença de metodologia de pesquisa empregada em cada um dos casos. Discutir essa questão não é o escopo deste trabalho.

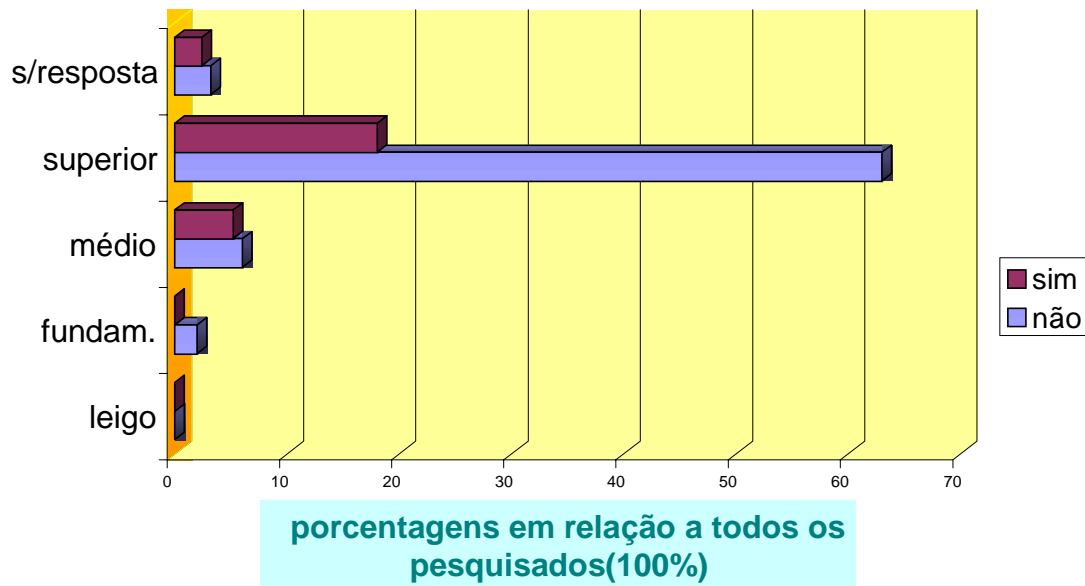
Audiência ao Jornal Nacional entre todos os professores pesquisados de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba



Já a audiência ao Jornal Setorial é muito baixa entre os professores, mesmo os de nível superior. Mais de 60% não assiste este telejornal, que é um jornal com matérias de interesse para a comunidade local. Dos professores, os que assistem o Jornal Setorial e têm nível superior são apenas 17%, enquanto 5% dos que assistem tem nível médio de escolaridade. Porém se observamos, no gráfico, o grupo de professores de nível médio, notamos que os dois grupos que assistem e que não assistem estão mais equilibrados. Há uma diferença menos gritante em favor dos que não assistem.

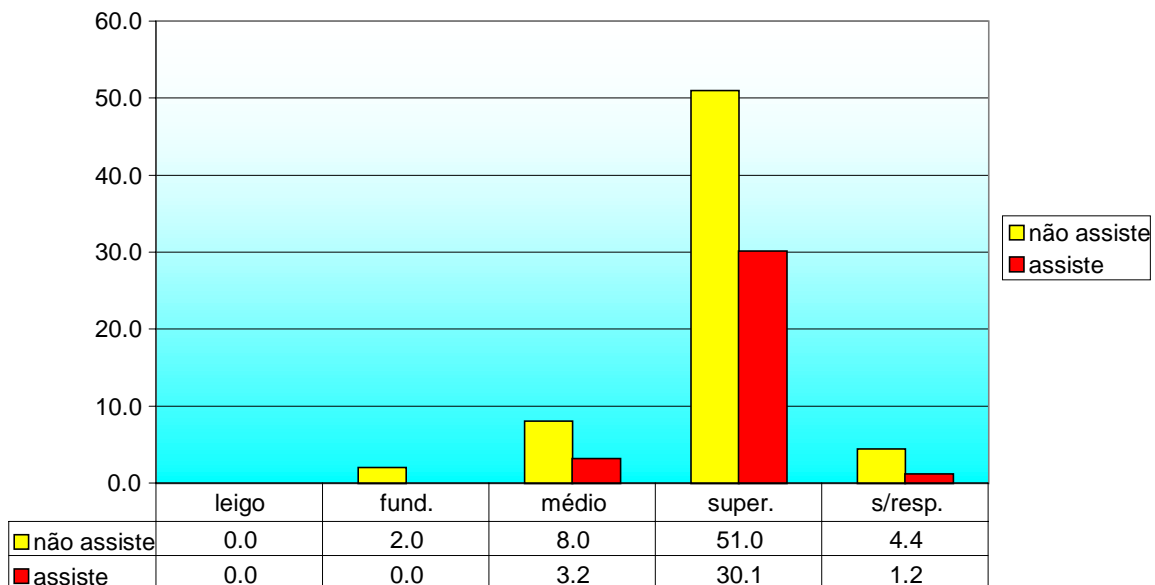
⁵ Fonte: IBOPE Mídia, no site www.ibope.com.br – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

Audiência ao Jornal Setorial entre todos os professores pesquisados de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba



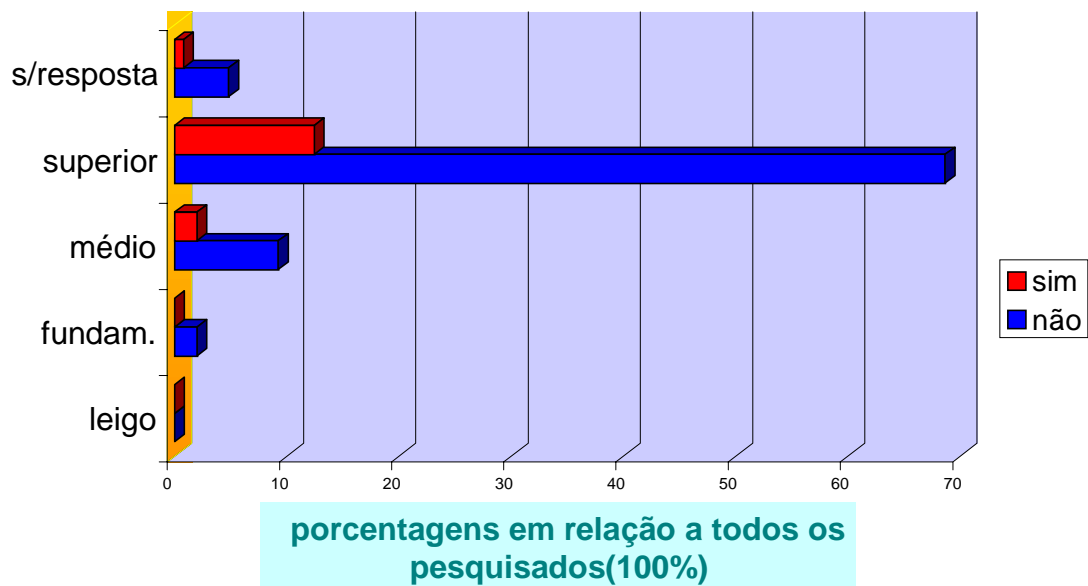
O Jornal da Cultura aparece como baixa audiência, entre os professores, em todos os níveis de escolaridade. A maioria dos professores, 51%, têm nível superior e não assistem o Jornal da Cultura, enquanto 30% têm nível superior e assistem. Entre os 11% de nível médio, 8% não assistem o Jornal da Cultura.

Relação entre escolaridade e a audiência dos professores ao Jornal da Cultura.

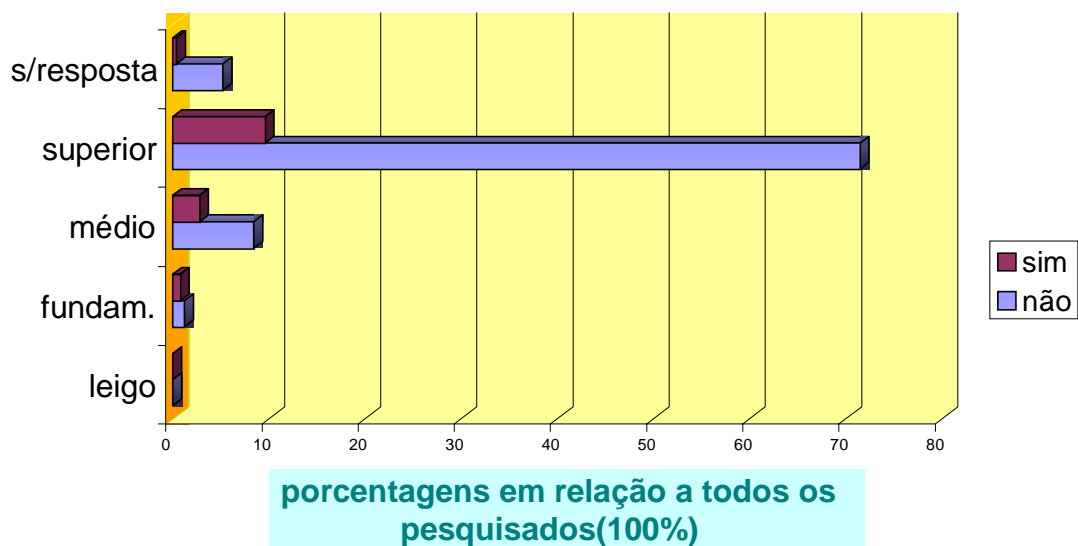


A audiência a programas prestigiados pelos alunos, como Linha Direta e Ratinho, é muito baixa entre os professores. Pouco mais de 10% dos professores é de nível superior e assiste Linha direta. E menos de 10% assiste Ratinho.

Audiência ao Linha Direta entre todos os professores pesquisados de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba



Audiência ao Programa do Ratinho entre todos os professores de 12 escolas estaduais de Pindamonhangaba



Análise das semelhanças e diferenças entre a audiência de alunos e professores e algumas implicações para a educação dos jovens.

Os contrastes que mostramos a partir da tabulação dos questionários apontam para a seguinte questão: Por que os alunos demonstram preferência por programas como Ratinho e Linha Direta que têm um forte componente de violência?

Para responder a essa questão consultamos o relatório da UNESCO⁶, realizado entre 1996 e 1997, que apresenta os resultados do estudo global sobre violência nos meios de comunicação de massa. É um amplo estudo intercultural tendo como tema a influência exercida, sobre as crianças, pela violência disseminada nos meios de comunicação.

Este estudo tratou de cinco questões:

1. papel da mídia, principalmente a TV, na vida das crianças.
2. As razões por que as crianças ficam fascinadas com a violência na mídia.
3. A possível relação entre a violência na mídia e o comportamento agressivo entre as crianças.
4. Diferenças culturais de gênero no impacto exercido pela mídia sobre a agressividade.
5. Como os ambientes violentos e o progresso tecnológico influenciam a forma de encarar a violência na mídia.

A pesquisa foi feita em 23 países, onde foram pesquisadas de 150 a 600 crianças de 12 anos de idade, meninos e meninas estudantes⁷. O total de crianças foi de 5.000. Eram crianças dos seguintes países: Angola, Argentina, Armênia, Brasil, Canadá, Costa Rica, Croácia, Egito, Fidji, Alemanha, Índia, Japão, Maurício, Países Baixos, Peru, Filipinas, Qatar, África do Sul, Espanha, Tadjiquistão, Togo, Trinidad e Tobago e Ucrânia.

Das crianças incluídas neste estudo, 93% tem acesso a um aparelho de televisão. Elas dedicam 50% mais tempo à TV do que a outras atividades não escolares. As crianças relataram que ficam 3 horas diárias em frente à TV, dedicam 2 horas aos deveres da escola, 1,6 horas ajudando a família, 1,5

⁶ “Percepção dos Jovens Sobre a Violência nos Meios de Comunicação de Massa”, in Cadernos UNESCO Brasil, série Direitos Humanos e Cultura da Paz, número 1, 1ª edição, 1998.

⁷ A público alvo deste estudo é semelhante ao que estudamos em Pindamonhangaba: 417 meninos e meninas na faixa etária de 11 a 14 anos, frequentadores de escolas.

horas brincando fora de casa, 1,4 horas em companhia de amigos, 1,1 horas lendo, 1,1 horas ouvindo rádio, 0,9 horas ouvindo música e 0,4 horas usando computador.

Os meninos são fascinados pelos heróis agressivos divulgados pela TV. Esses heróis são utilizados pelas crianças como compensação por seus problemas do cotidiano.

As visões de mundo das crianças são influenciadas tanto pelos meios de comunicação quanto pelo contexto real onde vivem. Quase um terço dessas crianças vive em ambiente agressivo e acredita que a maioria das pessoas do mundo são más. Por outro lado, um quinto das crianças que vivem em ambientes com baixo índice de agressividade, pensa o mesmo.

Grande parte dessas crianças vivem em ambientes onde as experiências da vida real assim como as notícias e programas de ficção sustentam a visão de que a violência é algo natural. Mas o impacto da violência na mídia, principalmente nos filmes e da teledramaturgia deve-se ao fato do comportamento agressivo dos heróis ser recompensado. No universo da pesquisa da UNESCO, 47% das crianças que preferem conteúdos agressivos na mídia, também gostariam de se ver envolvidas em situações de risco. Apenas 19% preferem outro tipo de programação.

A pesquisa conclui que:

- A violência na mídia é universal e é apresentada num contexto compensador;
- A violência na mídia pode satisfazer necessidades como compensação de frustrações e carências do meio onde a criança vive. Entre os meninos pode ocasionar identificação com papéis heróicos;
- Apesar das diferenças culturais, os modelos básicos das implicações da violência na mídia são semelhantes em todas as partes do mundo pesquisadas;
- O alcance e a presença constante da violência na TV, com média de cinco a dez ações agressivas por hora na programação de muitos países, contribui para o desenvolvimento de uma cultura agressiva global;

- As formas de resolução de problemas pelas via da violência, a normalidade e o caracter de recompensa da agressividade são mais incentivados na TV do que as formas não agressivas de lidar com a vida.

Segundo o relatório da UNESCO: “se as crianças se encontram permanentemente expostas a mensagens que promovem a violência como um divertimento ou uma atitude adequada para resolver problemas ou adquirir *status*, torna-se muito alto o risco de que elas venham a aprender sobre essas atitudes e padrões de comportamento.”

O relatório afirma que a mídia pode contribuir para consolidar uma cultura agressiva, enquanto pessoas já agressivas a utilizam para reafirmarem suas crenças e atitudes que são reforçadas pelo conteúdo da programação da TV. Essa interação é fortalecida num processo de longo prazo.

O conteúdo dos programas de TV reforça a fascinação pela violência que está sempre relacionada a personalidades fortes, que têm o controle da situação e são recompensadas por sua agressividade, podendo lidar com quase todos os tipos de problemas. Isto passa para a criança pelo menos três mensagens:

- A agressão é um método eficiente para resolver conflitos;
- A agressão dá *status*;
- A agressão pode ser divertida.

A presença de heróis é um tema antigo na arte e na literatura, servindo de referencial para o comportamento das pessoas; mas o que é novo é a uniformidade global dos heróis criada pela mídia e seu peso comercial.

A violência na mídia é universal e é apresentada em um contexto compensatório. Ela satisfaz diferentes necessidades:

- Compensa frustrações e carências em ambientes problemáticos e oferece emoção às crianças que vivem em áreas menos problemáticas.
- Cria um quadro referencial de modelos de papeis atraentes para os meninos.
- As características de recompensa da agressividade são mais incentivadas do que as formas não agressivas de lidar com a própria vida.

As crianças desejam viver em um ambiente familiar e funcional do ponto de vista social. À medida que esses elementos não estão presentes, as crianças procuram modelos que ofereçam a compensação pelo poder e pela agressividade. Isto dá origem a uma predisposição problemática para atitudes e comportamentos destrutivos.

Evidentemente mais importante do que a influência da TV, são as condições sociais em que vivem essas crianças, mas a TV como componente da cultura também merece muita atenção.

Na discussão de soluções, o relatório da UNESCO descarta a possibilidade de se recorrer à censura da programação por entender que seria incompatível com as sociedades democráticas, mas aponta três estratégias a serem consideradas:

1. Debate público entre políticos, produtores, pais e futuros consumidores ativos, sobre a programação da TV;
2. Desenvolvimento de códigos de conduta e autocontrole entre os profissionais da mídia;
3. Implementação da educação para os meios para criar usuários competentes e com capacidade de crítica em relação aos meios de comunicação.

Como vimos pelos dados obtidos através dos questionários em Pindamonhangaba, 65% dos alunos assistem Ratinho, 51% assistem Linha Direta e 42% assistem Cidade Alerta. Estes programas têm um forte componente de violência, que segundo o relatório da UNESCO atrai as crianças que vivem em áreas que sofrem privações econômicas e sociais. Este é o caso das escolas que participaram dessa pesquisa, todas situadas em regiões periféricas da cidade, onde faltam recursos de saneamento básico e segurança.

O programa Linha Direta vai ao ar toda quinta-feira à noite pela Rede Globo de televisão, logo depois da novela das oito. É baseado na reconstituição de casos policiais não resolvidos. Este programa procura prender o telespectador pela compaixão, pelo suspense e pelo ritmo de filme de ação. São misturados documentários jornalísticos e montagens dramáticas. A parte jornalística é feita através de entrevistas com parentes da vítima e dos acusados e também com autoridades. A ação dramática é feita por atores que

colocam em cena a reconstituição dos fatos narrados pelas testemunhas. A encenação de chacinas e emboscadas põe o telespectador face a face com a brutalidade. Segundo Eugênio Bucci,⁸ “o show do telejornalismo policial sobe na escala de impacto e de dramaticidade. ... Você mal sabe dizer onde termina o documentário e onde começa a dramatização. Onde termina o mistério e onde começam suposições. Onde termina a matança e onde começa a justiça.”

O programa estabelece um vínculo com o telespectador através do que Bucci chama de “pacto de delação”. Após relatar e encenar o crime, dá a descrição do suspeito mostrando fotos e incitando o público a encontrá-lo e entrar em contato com a emissora para delatá-lo. Esta é a alma do programa que associa interatividade com delação como forma de integração. Acaba conferindo ao público autoridade policial, de uma forma que segundo Bucci se aproxima mais do totalitarismo do que da democracia. Todos viram agentes do poder. Mais grave ainda é o fato do programa ser baseado em denúncia anônima. Como alguém que for acusado indevidamente poderá se defender se não sabe quem o acusou? Como as crianças assistindo a este programa podem ser bem informadas sobre direitos de cidadania e normas de boa convivência social? Certamente não será disseminando o poder da polícia para toda a população de telespectadores.

O programa do Ratinho(SBT) coloca no ar a dor da “gente humilde” num espetáculo de sensacionalismo sentimental que coloca no ar o desconsolo que crimes e tragédias produzem em cada pessoa. Aqueles que não têm mais a quem recorrer comparecem ao programa para implorar a atenção que lhes é devida. O apresentador muitas vezes incita as brigas que acontecem no próprio palco. Com isso os participantes aumentam os lucros do programa expondo gratuitamente a sua tragédia pessoal. Alguns alegam que o programa ajuda as pessoas, pois ao expor seus problemas muitas vezes conseguem ajuda de telespectadores. Segundo Bucci,⁹ programas como esse são “um fator de degradação social. Reforçam um preconceito atávico entre nós: o de que a “gente humilde” deve suportar qualquer vexame por um prato de comida. Como se houvesse duas dignidades no Brasil: uma dos ricos e outra dos pobres. É o

⁸ Bucci, Eugênio. Linha Direta. Com quem? in Revista Comunicação e Educação, no. 17, São Paulo. Editora Segmento, USP, 2000 pp. 91-94.

⁹ Bucci, Eugênio. Quando a desgraça dá lucro. in Folha de São Paulo, 03/12/2001.

preconceito de classe que faz com que espetáculos tão grosseiros pareçam cômicos aos nossos olhos.” O programa tem sim um contexto de violência contra a dignidade humana.

O programa Cidade Alerta (Record) é um telejornal que apresenta as notícias de forma sensacionalista, dando destaque a cenas violentas. Sem qualquer preocupação de fornecer esclarecimentos sobre causas e efeitos, focaliza a desgraça e os efeitos dos crimes e acidentes. Seu maior apelo é mostrar a realidade nua e crua. Porém esconde o fato de que essa realidade está sendo editada pelo diretor de TV. Embora as imagens sejam reais, porque foram captadas pelas câmeras em lugares distantes, onde a capacidade física de ver não chega e trazidas até a casa do telespectador, o diretor na mesa de corte escolhe entre as várias imagens, de várias câmeras à sua disposição, as mais dramáticas e emocionantes e as coloca numa seqüência tal que acaba contando uma história diferente daquela que motivou a filmagem.

Segundo Lalo Filho¹⁰ as coisas começam a se complicar quando a fantasia passa a ser chamada de realidade, como nos chamados “reality-shows”. No caso da edição de matérias jornalísticas as cenas são selecionadas a partir do recorte de situações reais. Mas nos “reality-shows” tudo é falso, tudo é montado.

Além da falsa realidade, esses programas estimulam a competição desenfreada entre os participantes e a busca de vantagens a qualquer preço. A lógica empregada é a mesma das guerras, do terrorismo, da miséria, da violência urbana, da corrupção e das desigualdades. Lalo Filho aponta como alternativa a Teoria dos Jogos Cooperativos de John Nash, que demonstrou matematicamente a possibilidade da opção “vence-vence”: solução cooperativa, onde as estratégias dos participantes são coordenadas de forma a se atingir o melhor resultado para o grupo como um todo. Dessa forma ninguém perde e ninguém é excluído. Todos ganham com o progresso do grupo conseguido pela cooperação.

Para Lalo Filho¹¹: “é preciso debater o papel nefasto desses programas para a sociedade, discutir a responsabilidade social da televisão, seu caráter

¹⁰ Lalo Filho, Laurindo Leal. A realidade da TV, no site www.tver.org.br/artigos82.htm

¹¹ obra citada.

de concessão pública e a possibilidade que ela tem de ser um instrumento de elevação dos graus de cultura e cidadania.”

Com este objetivo, propusemos aos professores de Pindamonhangaba debater as diferentes abordagens que as emissoras de canal aberto fazem dos fatos em seus telejornais. Incentivamos os professores a assistirem os programas que seus alunos assistem para poder debater com eles o conteúdo veiculado pela TV.

Os professores gravaram vários telejornais de um mesmo dia para fazer comparações. Isso foi feito primeiro com os professores nas reuniões de treinamento e depois com os alunos.

Com essa estratégia foi possível mostrar como cada emissora filtra a notícia a seu modo escolhendo as cenas que põe no ar e as entrevistas que faz. Como havíamos constatado que a maioria dos alunos acreditava em tudo que via nos telejornais, esta atividade foi muito esclarecedora para eles. Eles perceberam que o mundo que o telejornalismo mostra não é o mundo real, mas sim o mundo editado e interpretado. Além disso eles puderam visitar o estúdio da TV Setorial, parceira do projeto, onde é feito o Jornal Setorial, além de elaborarem o seu próprio telejornal na escola.